



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIA HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**QUEM PROTEGE QUEM?
O Caso Genivaldo e o medo da polícia**

Maria Franciele da Silva de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, pela Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação da Prof^a Dr^a Sonia Aguiar Lopes.

**SÃO CRISTÓVÃO
MAIO/2023**

AGRADECIMENTOS

Costumo pensar que nada na vida é por acaso.

Olhando para esses últimos quatro anos que passaram, desde o momento em que vi meu nome na lista de aprovados na Universidade Federal de Sergipe até o final do curso que tanto sonhei, posso dizer que tenho uma lista de coisas e pessoas às quais sou imensamente grata.

Primeiramente, agradeço a Deus por me permitir vivenciar tudo isso.

À pessoa de quem herdei tanta coragem, a minha mãe Rosineide. Por nunca duvidar de mim e que me dava forças sempre que eu estava cansada e desanimada por estar tanto tempo longe de casa. Obrigada por ser minha família; por cumprir seu papel de mãe e muitas vezes até de pai; por ter tanta força; por fazer tudo que estava ao seu alcance para me ajudar a realizar meu sonho e por nunca duvidar que eu conseguiria. Essa conquista é nossa!

Aos amigos que sonharam comigo antes mesmo de eu saber o resultado do Sisu: Daniela, Thalya, Linnda, Letícia, Lucas, Mateus, Mariana, Beatriz e Edson. Que ouviram sobre meus medos, inseguranças, metas e torceram por mim. Torço muito por cada um de vocês!

À amiga que o Instagram me apresentou, Thayná. Por compartilhar seu amor por BTS comigo. Conhecer a história e a música deles me ajudou a sonhar mais alto.

Às minhas duas tias do coração: Josilene e Everilde, que comemoraram comigo várias conquistas.

Às pessoas que tive o prazer de dividir essa jornada: João, Viviane, Lorena e Alda. Juntos tivemos ideias de pautas, fizemos chamadas de vídeo até tarde para terminar os trabalhos, demos risadas, conselhos e nos dedicamos em tornar-nos bons jornalistas. Vocês tornaram a caminhada até aqui mais leve.

Aos amigos e amigas que o projeto Serbaja me proporcionou, em especial à: Maryana, Mateus, Milena e Thâmara. Trabalhar com marketing ao lado de vocês foi muito divertido!

À minha orientadora, Sonia Aguiar, que mesmo sem saber, em uma das aulas no 4º período, me inspirou a escolher o livro-reportagem como produto de Trabalho de Conclusão de Curso. Obrigada por acreditar na minha ideia, por compartilhar seus conhecimentos comigo e por toda a paciência. Com certeza, escolhê-la como orientadora foi uma das melhores decisões que tomei durante a graduação.

Às pessoas que me orientaram no processo de diagramação de todo o livro: Germana e Maryana. Não sei o que seria de mim sem a ajuda de vocês.

Às pessoas que a TV UFS me apresentou: Jefferson, Caio, Welson, Osmar, Bruno, Eduardo. Obrigada por me acolherem, pelas risadas, conselhos e por confiarem no meu potencial. Se hoje sou apaixonada pelo telejornalismo é devido a vocês e ao trabalho maravilhoso que fazem.

Aos professores que me incentivaram a buscar o meu melhor.

Também não poderia deixar de agradecer às pessoas que passaram pela minha vida acadêmica, mesmo que por um instante.

À ilustradora Yasmin, por aceitar fazer as ilustrações das páginas internas do livro em um prazo muito curto. Obrigada por entender minha situação.

À minha terapeuta, Joelma, que me ajudou a perceber que tudo é possível e que sou maior que meus medos.

Por último, mas não menos importante, agradeço a mim mesma, por nunca cogitar desistir de nada disso.

RESUMO

Este memorial sintetiza as atividades desenvolvidas para o projeto experimental como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em formato de livro-reportagem, intitulado “Quem protege quem? O Caso Genivaldo e o medo da polícia”, elaborado de julho de 2022 a abril de 2023. Resume-se aqui o processo de produção da obra, desde a primeira ideia e desenvolvimento das primeiras atividades até a escolha da narrativa; a identidade visual do projeto gráfico; a escrita do livro e o encerramento do trabalho.

Palavras-chave: livro-reportagem; violência policial; caso Genivaldo; direitos humanos; ações da PRF.

ABSTRACT

This memorial summarizes the activities developed for the experimental project as a capstone project in book-report format, entitled "Who protects whom? The Genivaldo Case and the Fear of the Police", developed from July 2022 to April 2023. This summarizes the production process of the work, from the first idea and development of the first activities to the choice of narrative, the visual identity of the graphic project, the writing of the book, and the closing of the work.

Keywords: reportage book; police violence; Genivaldo murder; human rights; highway patrol actions.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. OBJETO/TEMA	6
3. OBJETIVOS	7
4. METODOLOGIA	8
5. PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO	8
6. O FUTURO DO LIVRO	13
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	13
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	14
9. APÊNDICE	21

1. INTRODUÇÃO

Este memorial consiste na descrição do processo de produção do projeto livro-reportagem “Quem protege quem? O Caso Genivaldo e o medo da polícia”, que teve seu início em julho de 2022 e finalização em abril de 2023. No dia 25 de maio de 2022, a imagem das pernas de um homem debatendo-se do lado de fora de um porta-malas de viatura policial, com o restante do corpo encoberto pela tampa fechada, envolto em uma nuvem de densa fumaça, estremeceu pessoas de vários cantos do Brasil e até de outros países. Era por volta das 11 horas da manhã de uma quarta-feira, no km 180 da BR-101, no município de Umbaúba, sul do estado de Sergipe, quando policiais da Polícia Rodoviária Federal (PRF) abordaram um homem que dirigia uma moto sem capacete. Daí em diante, uma série de condutas indevidas e crescentemente violentas foram acontecendo na frente de várias pessoas até culminar no ato mais cruel, que resultou na morte de Genivaldo de Jesus Santos, de 38 anos.

Desde então, jornalistas de veículos locais, nacionais e até estrangeiros passaram a acompanhar os desdobramentos desse episódio, que ficou conhecido como o “caso Genivaldo”. O homem negro havia sido colocado à força no porta-malas da viatura, onde permaneceu por exatos 11 minutos e 27 segundos¹ inalando a bomba de gás lacrimogêneo que havia sido jogada lá dentro por três policiais rodoviários federais.

Muitas pessoas registraram o episódio de violência e publicaram na internet. Nos vídeos é possível ouvir alertas e gritos da população informando os policiais que aquilo iria matá-lo, mas nada os fez parar. Pelo contrário, a tortura seguiu por quase 12 minutos.

Ao categorizar a violência policial como o uso ilegal e ilegítimo de força ou coação, pode-se afirmar que há nos diversos ramos da polícia, sejam civis, militares, federais, federais rodoviárias ou ferroviárias federais, além das guardas municipais, violência característica e a reprodução de métodos repressivos presentes no período da ditadura militar no Brasil, que teve início em 1964. Assim, “(...) o estudo da institucionalização do modus operandi herdado do regime militar pode esclarecer as razões pelas quais nenhuma estratégia governamental

¹ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/11012066/>>. Acesso em: 15 out. 2022.

pós-ditadura foi capaz de eliminar ou minimizar satisfatoriamente a violência policial no Brasil.” (BURATO, 2021, p. 155).

Retratada no jornalismo como um espetáculo, de forma sensacionalista e imediatista, é correto dizer que a maneira como ela é narrada nos noticiários televisivos teve influência do jornal Notícias Populares (NP), publicado pelo Grupo Folha nos anos de 1963–2001, que trazia manchetes exageradas e algumas vezes acusadas de serem inventadas, como exemplo a série de reportagens sobre o “bebê-diabo”, sobre uma criança que nasceu com deformidade (POMAR, 2021, p. 93).

Em 1965, Herbert Levy vendeu o Notícias Populares para o Grupo Folha da Manhã, de Otávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho, que também comprou o jornal Última Hora, de Samuel Wainer. Afinal, não havia mais motivos para que os dois jornais se apresentassem em campos opostos. Notícias Populares foi publicado pelo Grupo Folha de 1965 a 2001. Nesse período, ele ficou conhecido como um jornal predominantemente sensacionalista, aquele que “espreme e sai sangue”. (CESTARI, 2020, p. 316).

Apesar da condução apelativa, Danilo Angrimani (1995) afirma que a maneira da abordagem de temas como esse nos jornais tem influência do seu público consumidor ao dizer que:

É certo que o jornal torna sensacional o fait divers, que vai merecer um registro de duas ou três linhas no informativo comum. É certo que essa prática traduz o sentido do termo 'sensacionalista' ao colocar uma "lente de aumento" sobre o fato não necessariamente sensacional. Mas ao fazer esse movimento, ao valorizar a notícia que traduz um fato violento, o jornal sensacionalista está apenas atendendo a um desejo específico de seu público. (ANGRIMANI, 1995, p. 57).

Fábio Canatta de Souza (2021) analisou que nos telejornais tradicionais brasileiros abertos (Jornal Nacional, SBT Brasil, Jornal da Record e o Jornal da Band) coberturas como a do Caso Fallet, em que a polícia matou 15 pessoas no morro do Fallet em fevereiro de 2019, são tratadas como uma “iniciativa isolada, sem conexão com outros acontecimentos, sem histórico e sem relação com a ação política” (SOUZA, 2021, p. 192), quando deveriam ser tratadas no contexto de sua existência e perpetuação em seu problema estatal, estrutural e cultural. Prova disso é como a notícia do Caso Genivaldo foi exibida no jornal Brasil Urgente, dia 26 de maio de 2022, que apresentou brevemente informações sobre a vítima e utilizou o restante do tempo para defender a polícia, alegando ser importante para a sociedade e afirmando que “não é porque policiais da

Polícia Rodoviária Federal (uma instituição simplesmente gloriosa) podem ter cometido um crime (...) que toda a instituição vai pagar.”²

2. OBJETO/TEMA

O livro visa abordar o tema da violência policial com foco restrito na ação da polícia que atua nas ruas, em confronto direto com cidadãos e cidadãs, trazendo como fio condutor o Caso Genivaldo, homem assassinado por policiais rodoviários federais na cidade de Umbaúba, no interior de Sergipe. De acordo com o Monitor de Violência do G1, mais de 37 mil pessoas foram mortas por policiais entre os anos de 2015 e 2021, e somente em 2021 foram registradas 6.133. Ou seja, o que aconteceu em Umbaúba não foi um fato isolado.

É seguro afirmar que a violência policial, que muitas vezes resulta em morte, não é de origem recente. Em 1992, o jornalista Caco Barcellos, ao publicar a primeira versão do seu livro *Rota 66: a história da polícia que mata*, denunciou o abuso de autoridades na época da ditadura militar (1964 – 1985) e revelou seu modo de operação. Segundo Burato (2021, p. 155), esse tipo de violência tem “origem no desenvolvimento da sociabilidade capitalista hipertardia, dependente e subordinada brasileira, que gerou uma classe dominante autocrática, não democrática.”

Na década de 1970, Barcellos (2003) constituiu um banco de dados com todas as mortes ocasionadas durante patrulhamento na cidade de São Paulo consoante o que saía nos jornais, visto que o hábito dos agentes era guardar em sigilo a maioria das informações públicas, encobrindo o perfil da vítima e a circunstância da morte no boletim de ocorrência.

A narrativa do histórico dos fatos tem geralmente a mesma sequência. O PM desconfia de alguém na escuridão. O suspeito foge disparando a arma. O policial revida e atinge o suspeito. Socorrido, o ferido morre a caminho do hospital. A condição da vítima ou do agressor geralmente é invertida, como aconteceu no caso Rota 66. O morto é sempre o culpado pela morte dele. (BARCELLOS, 2003, p. 96).

Com o papel de fazer a manutenção da ordem e zelar pelo direito do cidadão, desde o curso preparatório, policiais recebem orientações de como deve ser o método de conduta perante determinadas situações. Porém, exemplos de comportamento inadequados viralizaram em maio de 2022. Em registros audiovisuais que circulam em plataformas da Internet, o policial rodoviário federal e ex-professor do AlfaCon Concursos Ronaldo Braga Bandeira Junior é visto em suas

² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cQF08elaqps&t=477s>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

aulas de 2016, ensinando métodos de tortura. Na gravação, ele apresenta como exemplo a situação em que uma pessoa está na parte de trás de uma viatura policial e, ao tentar sair, o PRF utiliza spray de pimenta para ela ficar “mansinha”³.

Alguns exemplos da violência policial que podem ser citados são: o Caso Juan (2011), em que um menino de 11 anos morreu durante uma operação policial e teve seu cadáver ocultado, na Favela Danon, em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro; o Caso da Juíza Patrícia Acioli (2011), morta com 21 tiros por policiais do 7º Batalhão, em Niterói (RJ), enquanto trabalhava na investigação de policiais militares que forjavam autos de resistência (quando um policial mata um “suspeito”, alega legítima defesa e resistência na prisão); e claro, o Caso Genivaldo (2022), homem negro torturado e assassinado por policiais rodoviários federais no porta-malas de uma viatura.

De acordo com o Monitor de Violência⁴ do G1, entre os anos de 2019 a 2021 foram registradas 18.919 mil mortes por policiais em serviço e fora de serviço, sendo 2020 o ano com maior número de vítimas, marcando 6.424 registros. Ademais, é importante ressaltar, que no ano passado, 81,5% dos casos de mortes foram de pessoas negras, considerando apenas os casos onde a raça foi divulgada.

3. OBJETIVOS

O trabalho foi orientado por cinco objetivos, sendo eles:

- Reconstituir, através do livro-reportagem, a abordagem policial que resultou na morte de Genivaldo, a partir de vídeos do dia do ocorrido e da cobertura de dois portais de notícias de alcance nacional;
- Questionar como a polícia e a política se relacionaram nos últimos anos, trazendo os conflitos do segundo turno das eleições presidenciais de 2022 e os ataques golpistas do 8 de janeiro;
- Abordar o uso de armas não-letais e suas aplicações, mostrando contradições da segurança pública na aplicação dos direitos humanos;

³ Disponível em:

<<https://ponte.org/professor-ensina-futuros-policiais-a-torturar-com-gas-no-porta-malas-da-viatura-fica-mansinha/>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

⁴ Disponível em: <<https://especiais.g1.globo.com/monitor-da-violencia/2018/mortos-por-policiais-no-brasil/>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

- Expor percepções da sociedade sobre os agentes de segurança pública, além de relatos pessoais sobre abordagens violentas;
- Apresentar críticas às abordagens policiais no país, com foco na sua atuação nas ruas, visando demonstrar que o caso de Genivaldo não foi isolado.

4. METODOLOGIA

A escolha do tema para o projeto experimental foi definida, principalmente, por dois motivos: devido ao vínculo de proximidade geográfica com a morte de assassinato de Genivaldo de Jesus Santos, visto que eu residia na cidade do acontecimento (e saber sobre o caso consequentemente originou um sentimento de revolta e tristeza) e pela importância de pautar temas como esse presentemente, visto que a violência policial vem se agravando cada vez mais.

Escolher desenvolver um projeto sobre esse assunto foi a forma que encontrei de usar a minha experiência como estudante de jornalismo para dar voz e fazer algo sobre a situação que não fosse apenas compartilhar textos e postagens na internet ou participar de protestos. Além do que, também me possibilita trabalhar e descobrir mais sobre a área de jornalismo investigativo e policial, pela qual desenvolvi interesse ao longo do curso.

A metodologia aplicada na construção do produto consistiu em três etapas: montar um acervo com todas as matérias sobre o caso, de forma que fosse possível criar uma cronologia dos fatos; realização de entrevistas com representantes das comissões da OAB/SE que participaram da fiscalização do caso, além do superintendente atual da PRF; criar e divulgar um formulário para captar a opinião da população brasileira sobre a polícia. Além disso, como forma de registrar os acontecimentos e auxiliar na produção do livro, foi feito um diário de bordo que se encontra em anexo.

5. PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO

A escolha do produto começou antes de ingressar no curso, considerando que um dos objetivos para cursar Jornalismo era porque desejava escrever e publicar um livro. Além disso, durante as aulas, com presença de convidados que falaram sobre seus trabalhos de conclusão de curso (TCC), pude perceber a possibilidade de escrever um livro-reportagem, consequentemente me identifiquei. Então, a decisão do formato do produto veio muito antes de escolher o tema. O

livro-reportagem é um gênero textual que se assemelha à grande reportagem, trabalhada muitas vezes em sala de aula e caracterizada como “um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo a seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade” Lima (2009, p.18).

Já o interesse de desenvolver o projeto com esse tema se deu de forma pessoal, pelo princípio de proximidade geográfica do ocorrido (visto que residi por muitos anos em Umbaúba e tenho familiares que moram lá), que resultou em indignação pela falta de profissionalismo e empatia do ser humano, além de despertar a necessidade de pautar de maneira mais extensa e completa esse assunto.

Inicialmente o projeto idealizado para o TCC era um livro-reportagem, que amplia a noção de grande reportagem, porém, durante reuniões de orientação foi pautada a ideia de desenvolver um romance-reportagem, em que toda a história seria contada por meio de um personagem, neste caso, a própria vítima. Contudo, após impedimento de efetuar as entrevistas com pessoas próximas (viúva, mãe, irmãs, sobrinho) por parte dos advogados da família de Genivaldo, foi necessário voltar à primeira ideia, efetuando ajustes na angulação dos subtemas que iriam ser debatidos no livro.

5.1 Da pauta ao texto

Inicialmente pensou-se em trabalhar apenas a história do caso de Umbaúba, mas após reflexões a conclusão foi que apenas isso não responderia à pergunta do título. Então, foi necessário incluir informações sobre a polícia em geral (como o perfil policial), com ênfase à PRF, e seu envolvimento com a política nos últimos anos; trazer como a Comissão de Direitos Humanos e outras comissões da OAB de Sergipe lidaram com o caso, representando assim a parte de direito contra os atos desumanos; além de apresentar a opinião da população em relação à polícia.

Conforme as dificuldades de trabalhar com o tema foram surgindo, o texto e a sua angulação foram sofrendo mudanças, ajustando-se as maneiras de tratar o assunto, até o momento em que se tornou uma reportagem principalmente documental, em função dos dados, relatórios e pesquisas agregados à narrativa.

Para montar a cronologia dos fatos, foi necessário analisar a cobertura jornalística do caso a partir do portal G1, por possuir uma seção para Sergipe, mas, ao mesmo tempo, alcance

nacional, por ser um agregador de notícias das emissoras de TV que compõem a Rede Globo. Consoante a isso, também foram salvas matérias do caso nos sites Consultor Jurídico, JOTA e Senado Notícias, por conta do viés jurídico. Além disso, foi necessário aplicar um filtro no acervo das matérias do portal G1 e colocá-las dispostas no Planilhas Google⁵, de forma que fossem preenchidas as seguintes informações: data de publicação, veículo, formato, duração (caso o conteúdo fosse em vídeo), manchete, assinado por, fontes ouvidas (nome/vínculo com o caso), (supostas) perguntas realizadas, palavras-chave, link da matéria, acesso.

O arquivo das planilhas também conta com uma página sobre as fontes ouvidas, deixando agrupadas as questões: fonte ouvida (nome/vínculo com o caso), (supostas) perguntas que foram realizadas, sugestões de perguntas a serem feitas, observações, matérias (principais aparições). Além de uma parte com as fontes que não foram ouvidas, informando: fonte (nome/vínculo com o caso), sugestões de perguntas a serem realizadas e observações.

Visando coletar informações de como a população brasileira se sente em relação à polícia, optou-se por criar e publicar um formulário com intuito alcançar como público alvo jovens e adultos 18 – 30 anos, independente da classe social e grau de escolaridade, sendo divulgado através do Instagram, Twitter, WhatsApp, e-mails acadêmicos da Universidade Federal de Sergipe e em um boletim de notícias eletrônico do Departamento de Administração Acadêmica (DAA) da universidade. Ademais, ele conteve duas questões e não houve o pedido de identificação — com objetivo de deixar o respondente confortável para dar seu relato —, sendo elas: "Você já vivenciou ou presenciou alguma situação de truculência policial? Em caso positivo, por favor, relate resumidamente o que ocorreu; Caso não tenha tido tal experiência, pense e descreva como se sentiria caso fosse abordado(a) na rua por um(a) policial. Teria diferença se fosse PM, civil, guarda-municipal, PF ou PRF? Por quê?". O questionário ficou aberto do dia 23 de março ao dia 25 de abril e obteve 120 respostas.

O livro foi finalizado com cinco capítulos, nomeados respectivamente como: De Umbaúba para o mundo; Uma corporação em xeque: polícia e política combinam?; Ser policial: herói ou bandido?; Direitos contra atos desumanos; Quem protege quem? Percepções da violência urbana. Além disso, quatro entrevistas foram utilizadas ao longo do texto, tendo como fontes: o Superintendente da Polícia Rodoviária Federal, Vladimir Cardoso Hilário; a presidente

⁵ Acesse o acervo de notícias com a cronologia dos fatos:
<<https://docs.google.com/spreadsheets/d/10KkOvesV3UXgFxV7sPD5Kr0Oe9jITVCdk7fCkc7RfxE/edit?usp=sharing>>.

da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil — Seccional Sergipe (OAB-SE), Lilian Jordeline; o presidente da Comissão de Igualdade Racial da OAB-SE, Carlos Zuzarte; e a presidente da Comissão de Direito de Pessoas com Deficiência, Sheila Christine de Souza. As autorizações de uso se encontram nas gravações em áudio das entrevistas.

5.2 O projeto gráfico

O projeto gráfico de “Quem protege quem?” foi pensado a partir da dramaticidade que o tema evoca. Após montar um acervo com as capas que achava mais interessantes, decidi que a melhor escolha seria que fosse uma capa preta com destaque ao título. O software escolhido para a diagramação foi o Adobe InDesign CC 2022, apesar de não ter conhecimento prévio dele, é perceptível que oferece um serviço mais completo e permitir um acabamento profissional.

Para definir o tamanho das páginas, foi utilizada uma cartela de medidas usada de referência no curso de Design Gráfico da universidade. Logo depois foi necessário fazer uma lista dos itens que deveriam ter no miolo: folha de rosto, dedicatória, agradecimentos, citação, prefácio, cabeça, página capitular e intertítulos.

As principais influências no layout foram dos livros: “Todas as coisas que eu te escreveria se pudesse” (2021), de Igor Pires, que inspirou na posição da numeração da página (centralizada na borda da página) e das cabeças (alinhadas à direita e à esquerda), permitindo uma visualização mais confortável, além da escolha da tipologia do corpo do texto (Minion Pro); e “Fallen” (2009), de Lauren Kate, que trouxe a referência de um elemento no início de cada capítulo e permitiu visualizar um espaçamento entre linhas mais confortável, no caso, ficou na numeração 17. Além disso, a escolha da fonte escolhida para os intertítulos se deu a necessidade de haver uma fonte sem serifa, para trazer um contraste com o texto, desse modo, a escolhida foi Myriad Pro.

Quanto à capa, foi elaborada com arte mais vetorizada, em um estilo editorial e mais sóbria. As silhuetas de pessoas andando em diferentes sentidos e as sombras trazem a ideia de que indivíduo está sendo seguido, retratando a insegurança que se sente quando está na rua. Já o título foi trabalhado com fontes mais sérias (Big John para o título e Zuume para o subtítulo) e na cor branca, devido ao fato de ser um texto de gênero jornalístico, motivo que não condizia com fontes coloridas e modernas. Além disso, o título foi pensado para ser posicionado em perspectiva, de forma que fosse inserido na arte e não soasse como algo à parte. Toda a

construção da capa foi feita pelo Adobe Illustrator CC e Adobe Photoshop CC — ambos na versão 2023 — pelo designer Victor Cerqueira e custou R\$170,00.

As ilustrações de abertura de cada capítulos foram planejadas para representar o ponto forte de cada um, mas foram pensadas no último mês do projeto. Na primeira, foi ilustrada a cena da “câmara de gás” do Caso Genivaldo; a segunda foi uma representação dos ataques golpistas do 8 de janeiro; a terceira mostra o uso de armas não-letais, nesse caso, o spray de pimenta; a quarta representa o questionamento “suspeito tem cor?”, ao trazer três silhuetas em um lugar que referir-se a uma delegacia e o alvo marcado na de tom mais escuro; e a quinta representa um relato de uma agressão sofrida com cassetete da polícia. Todas foram pensadas em forma de silhueta sem identificação de gênero, em coerência com a capa, tendo sido feitas através do Adobe Illustrator CC 2023, pela ilustradora Yas Tavares e custaram R\$150,00 cada, totalizando R\$750,00.

Além da ilustração, o início de cada capítulo contou com trechos da música Polícia, da banda de rock Titãs. A escolha da formatação da página capitular foi dada após vários testes, de forma que cada capítulo iniciasse na página ímpar — considerando que é a página mais importante, já que é a primeira que o leitor olha ao abrir o livro —, e a ilustração mais a frase da música fosse inserida na página que antecede ela, ou seja, a par.

5.3 Finalização do produto

Após a finalização, o texto foi enviado em PDF para Carlos Madeiro, jornalista que se disponibilizou a escrever o prefácio — que se transformou em posfácio. Depois de todo o conteúdo diagramado, foi pedida a opinião e auxílio da professora Germana de Araújo, atual coordenadora do Departamento de Artes Visuais e Design da UFS, que passou orientações finais e apontou ajustes necessários a serem feitos, como, por exemplo, a troca do formato da ilustração no arquivo para TIF com o intuito de garantir boa qualidade na impressão. Além disso, a revisão final do projeto gráfico contou com auxílio e Maryana Santos, estudante de Design Gráfico.

Depois dos ajustes finais, o projeto obteve um total de 96 páginas na sua versão impressa (e 100 na versão PDF), permitindo assim ser impresso em três cadernos de 16 páginas frente e verso. Ademais, foram impressas cinco cópias do livro em folha A3 — o que custou R\$492,00 — sendo três destinadas à banca avaliadora, uma destinada ao jornalista que escreveu o posfácio e outra para guardar de recordação. A montagem do produto — costura, colagem e cortes — foi

realizada por conta própria, com auxílio de Germana, porque as gráficas e editoras não aceitavam encomendas pequenas. Então, cada caderno foi costurado à mão, depois prensado, colado a capa, prensado novamente e os cortes finais foram feitos por uma máquina específica, na Gráfica Editora J Andrade — isso foi possível devido ao contato que a professora do curso de Design Gráfico tinha com o dono do local.

6. O FUTURO DO LIVRO

Desde o início, o livro-reportagem foi pensado e planejado para ser publicado preferencialmente como um livro físico, de maneira que o seu público-alvo sejam jovens e adultos, a partir de 15 anos, independente da classe social.

Inicialmente a forma de publicação pensada foi independente. Como primeira opção, foi selecionado o site Livrorama, plataforma de publicação sem custos, onde a venda de cada unidade sairá em torno de R\$29,02, de acordo com orçamento feito on-line na plataforma; e como segunda opção, publicar na Amazon, em formato PDF — neste caso, não há orçamento fixo.

Além disso, um dos passos mais importantes para o livro chegar a outras pessoas é a divulgação, tendo isso em mente, uma das principais formas que a serem utilizadas para obter mais visibilidade do público será a disponibilização de trechos do livro na internet, ou seja, amostra grátis on-line e publicação de um capítulo em revistas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção deste livro-reportagem possibilitou colocar em prática os ensinamentos que recebi em sala de aula durante todo o curso, desde a escolha e apuração da pauta até as entrevistas, a escrita de uma grande reportagem e a edição final, além de relembrar as aulas sobre planejamento visual em Jornalismo. Ao longo da graduação pude explorar várias faces e funções do jornalismo, como: podcast, jornalismo on-line e o telejornalismo — com o qual me identifiquei bastante. Mas, ao final do curso, poder desenvolver um livro-reportagem e trabalhar em todas as suas etapas de construção me permitiu ter certeza de que quero usar a minha voz de futura jornalista para contar as histórias das pessoas que normalmente não seriam ouvidas, independente do formato.

Escolher contar a história do assassinato que aconteceu na cidade em que residia foi muito mais que uma escolha de pauta, foi olhar ao redor e me deparar com centenas e milhares de habitantes vulneráveis devido ao ocorrido e perceber que aquilo não afetou somente a cidade, mas todo o país, que causou dor, medo e revolta e que só foi possível saber dele porque foi filmado e postado na internet. Foi um processo doloroso e de grande aprendizado, que me fez questionar se as pessoas vítimas de violência policial acabam não tendo justiça por falta de gravação ou outros tipos de prova.

Trabalhar em um tema delicado como esse me fez ter certeza de que o Jornalismo vai além de uma matéria corriqueira, ele pauta e discute questões sensíveis e humanas para a sociedade, além de ser utilizado como documentação histórica, de forma a cumprir todas as suas funções sociais. Conclui-se também que pôr em pauta o aumento de casos de abordagens policiais truculentas ou fatais é necessário para poder estimular melhorias na segurança pública do Brasil.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus Editorial, v. 47, f. 84, 1995. 168 p. (Novas Buscas em Comunicação).

BARCELLOS, Caco. **Rota 66**: a história da polícia que mata. 21 ed. Rio de Janeiro: Record, f. 175, 2003. 350 p.

BRASIL URGENTE. **Brasil Urgente com Datena** — 26/05/2022. YouTube, 26 maio 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cQF08elaqps&t=477s>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

BURATO, José. Sobre a origem da violência policial. In: BUZETTO, Marcelo (Org.). **Democracia e Direitos Humanos no Brasil**: ofensiva das direitas (2016/2020). CUT, 2021. 244 p, p. 155-170. Disponível em: <http://www.sindema.org.br/maso/uploads/jornais/jornal_202.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

CESTARI, Larissa Raele. **Em busca do Povo**. A criação do jornal Notícias Populares e a oposição ao governo João Goulart. *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, [S.L.], v. 39, n. 2, p. 294-320, 21 jan. 2022. *CLIO: Revista de Pesquisa Historica*. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22264/cliio.issn2525-5649.2021.39.2.13>>. Acesso em: 3 de maio 2023..

G1, ano 2022, 4 mai. 2022. **Monitor da Violência**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2022/05/04/numero-de-pessoas-mortas-pela-policia-cai-e-atinge-menor-patamar-em-quatro-anos-assassinatos-de-policiais-tambem-tem-queda.ghtml>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Editora Manole, f. 235, 2009. 470 p.

MENDONÇA, Jeniffer. **Policial da PRF ensina a torturar com gás no porta-malas da viatura**: ‘fica mansinha’. Ponte Jornalística, 27 maio 2022. Disponível em: <<https://ponte.org/professor-ensina-futuros-policiais-a-torturar-com-gas-no-porta-malas-da-viatura-fica-mansinha/>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

PERÍCIA afirma que gases tóxicos causaram colapso no pulmão de Genivaldo. Fantástico, 9 de out. 2022. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/11012066/>>. Acesso em: 15 out. 2022.

POMAR, Valter. As Forças Armadas, o golpismo e Bolsonaro. In: BUZETTO, Marcelo (Org.). **Democracia e Direitos Humanos no Brasil**: ofensiva das direitas (2016/2020). CUT, 2021. 244 p, p. 93-110. Disponível em: <http://www.sindema.org.br/maso/uploads/jornais/jornal_202.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SOUZA, Fábio Cannatta de. **Violência policial, direitos humanos e telejornalismo**: uma análise da cobertura do Caso Fallet no Jornal Nacional, Jornal Da Record, SBT Brasil e Jornal Da Band. Porto Alegre, v. 1, 2021 Tese (Comunicação Social) - Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/9553/2/FABIO_CANATTA_DE_SOUZA_TES.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2022.

FONTES USADAS NO LIVRO

AÇÕES da PRF geram dúvidas sobre preparação em direitos humanos. Disponível em: <<https://journal48.com/conflitos-refugiados-e-migrantes/acoes-prf-duvidas-preparacao-direitos-humanos/>>. Acesso em: 15 março. 2023.

AGÊNCIA SENADO. **CDH acompanha investigações da morte de Genivaldo Santos em Sergipe**. Senado Notícias, 13 jun. 2022. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/13/cdh-acompanha-investigacoes-da-morte-de-genivaldo-santos-em-sergipe>>. Acesso em: 11 set. 2022.

ASCOM. **Em solenidade, OAB Sergipe empossa novos membros de Comissões Temáticas**. Disponível em: <<https://oabsergipe.org.br/blog/2023/03/29/em-solenidade-oab-sergipe-empossa-novos-membros-de-comissoes-tematicas/>>. Acesso em: 7 abril. 2023.

BRAMBILA, Bárbara; TORTELLA, Tiago. **Policiais acusados de envolvimento na morte de Genivaldo Santos são presos em SE**: Três agentes deram entrada no Presídio Militar de Aracaju nesta sexta-feira (14); Santos morreu após abordagem em junho, preso em um porta-malas com dispositivo de fumaça. CNN Brasil, São Paulo, 14 out. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/policiais-acusados-de-envolvimento-na-morte-de-genivaldo-santos-sao-presos-em-se/#:~:text=>>>. Acesso em: 26 out. 2022.

BRASIL. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/05-anuario-2022-letalidade-policial-cai-mas-mortalidade-de-negros-se-acentua-em-2021.pdf>>. Acesso em: 26 abril 2023.

BRASIL. Senado. **Projeto de Lei n. 1388**. Diário Judicial Eletrônico, ano 2022. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/153312>>. Acesso em: 7 out. 2022.

CAMAZANO, Priscila. **Entenda os ataques golpistas de 8 de janeiro e seus desdobramentos**. Folha de São Paulo, 7 fev. 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/02/entenda-os-ataques-golpistas-de-8-de-janeiro-e-sus-desdobramentos.shtml>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

CARREGOSA, Lais; MENDES, Lucas. **26 Estados tiveram estradas interditadas contra eleição de Lula**. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/12-estados-tiveram-estradas-bloqueadas-contra-eleicao-de-lula/>>. Acesso em: 4 março. 2023.

CASO Genivaldo: advogados da família reclamam da demora para a conclusão do inquérito - PF afirma que é preciso de alguns laudos para concluir o caso. g1 SE e TV Sergipe, 23 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/08/23/caso-genivaldo-advogados-da-familia-reclamam-da-demora-para-a-conclusao-do-inquerito.ghtml>>. Acesso em: 10 set. 2022.

CASO Genivaldo: perícia afirma que gases tóxicos causaram colapso no pulmão de homem que morreu em abordagem da PRF: O Fantástico teve acesso, com exclusividade, aos laudos da perícia do caso Genivaldo – o homem agredido e asfixiado em uma abordagem brutal de policiais rodoviários federais, em Sergipe. Os três policiais foram indiciados. Fantástico, 9 out. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/10/09/caso-genivaldo-pericia-afirma-que-gases-toxicos-causaram-colapso-no-pulmao-de-homem-que-morreu-em-abordagem-da-prf.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2022.

CASO Genivaldo: peritos atestam que ácido sulfídrico pode ter causado convulsões. Fantástico, 2 out. 2022. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10985530/>>. Acesso em: 15 out. 2022.

CASO Genivaldo: PF indicia policiais por abuso de autoridade e homicídio qualificado - PF informou que concluiu o laudo final nesta segunda-feira (26), quatro meses após o caso. Homem morreu por asfixia e insuficiência respiratória durante abordagem de policiais rodoviários federais. g1 SE, 26 set. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/09/26/policia-federal-conclui-laudo-final-sobre-a-morte-de-genivaldo-santos-em-sergipe.ghtml>>. Acesso em: 26 set. 2022.

CASO Genivaldo: Record TV tem acesso a imagens exclusivas do dia em que ele foi asfixiado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b0DNg0OpB6g&t=478s>>. Acesso em: 4 abril. 2023.

FANTÁSTICO confirma nomes dos 3 PRFs envolvidos em ação que provocou o sufocamento de Genivaldo Santos: Eles foram afastados pela PRF e estão sendo investigados em um procedimento administrativo disciplinar. E uma investigação do Fantástico mostra que o procedimento utilizado em Sergipe pode não ser um caso isolado no Brasil. Fantástico, 29 maio 2022. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/05/29/fantastico-confirma-nomes-dos-3-prfs-envolvidos-em-acao-que-provocou-o-sufocamento-de-genivaldo-santos.ghtml>>. Acesso em: 5 set. 2022.

FARO, André. et al. **Pesquisas em Psicologia, Saúde e Sociedade.** Edição (se houver). São Paulo: Edições Concern, abril 2023. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/370104819_Pesquisas_em_Psicologia_Saude_e_Sociedade_livro_completo>. Acesso em: 21 abril 2023.

FRANÇA, Jéssica. **Manifestantes protestam na BR-101, em Umbaúba (SE) pela morte de homem em abordagem da PRF:** Laudo do IML apontou asfixia mecânica e insuficiência respiratória aguda como causas da morte. A PRF informou que foi aberto um procedimento disciplinar para averiguar a conduta dos policiais envolvidos. g1 SE, 26 maio 2022. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/05/26/protesto-br-101-em-umbauba-pela-morte-de-homem-prf.ghtml>>. Acesso em: 10 set. 2022.

G1, ano 2022, 4 mai. 2022. **Monitor da Violência.** Disponível em:

<<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2022/05/04/numero-de-pessoas-mortas-pela-policia-cai-e-atinge-menor-patamar-em-quatro-anos-assassinatos-de-policiais-tambem-tem-queda.ghtml>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

INFORME de Análise - Policiais, democracia e direitos. Disponível em:

<https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/informe-de-analise-policiais-democracia-e-direitos/>. Acesso em: 27 mar. 2023.

JORNAL O GLOBO. **PASSO a passo, os minutos finais de Genivaldo, morto por asfixia em abordagem da PRF.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rP_dP8IEbo0>.

Acesso em: 21 mar. 2023.

LORRAN, Tácio. **Caso Genivaldo:** PRF põe sigilo de 100 anos em processos contra agentes. Metrôpoles, 23 jun. 2022. Disponível em:

<<https://www.metropoles.com/brasil/caso-genivaldo-prf-poe-sigilo-de-100-anos-em-processos-contragentes>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

MÃO de obra escrava: PRF participa da libertação de 9 trabalhadores rurais em MG. Disponível em:

<<https://www.gov.br/prf/pt-br/noticias/nacionais/2023/janeiro/mao-de-obra-escrava-prf-participa-da-libertacao-de-9-trabalhadores-rurais-em-mg>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

MENDONÇA, Jeniffer. **Policia da PRF ensina a torturar com gás no porta-malas da viatura:** ‘fica mansinha’. Ponte Jornalística, 27 maio 2022. Disponível em:

<<https://ponte.org/professor-ensina-futuros-policiais-a-torturar-com-gas-no-porta-malas-da-viatura-fica-mansinha/>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

MERGULHÃO, Alfredo. “**Câmara de gás**” da PRF em Sergipe: Saiba as diferenças entre armas lacrimogêneas e spray de pimenta. O Globo, Rio de Janeiro, 26 maio 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2022/05/camara-de-gas-da-prf-em-sergipe-saiba-as-diferencas-entre-armas-lacrimogeneas-e-spray-de-pimenta.ghtml>>. Acesso em: 22 abril 2023.

MINISTRO diz que caso da morte de Genivaldo é “ato isolado”. Agência Brasil, Brasília, 15 junho 2022. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2022-06/ministro-diz-que-caso-da-morte-de-genivaldo-e-ato-isolado>>. Acesso em: 24 abril 2023.

MPF ajuíza ação criminal contra policiais rodoviários envolvidos na morte de Genivaldo Santos em Sergipe: No documento, o Ministério Público Federal pede que o juiz, após analisar o recebimento da denúncia, determine que o processo tramite sem sigilo. g1 SE, 10 out. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/10/10/mpf-ajuiza-acao-criminal-contra-policiais-rodoviarios-envolvidos-na-morte-de-genivaldo-santos-em-sergipe.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2022.

ORTEGA, Pepita; MOTTA, Rayssa. **Caso Genivaldo**: Procuradoria investiga sigilo de 100 anos imposto pela PRF. CNN Brasil, 26 de jun. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/morte-de-genivaldo-procuradoria-investiga-sigilo-de-100-anos-imposto-pela-prf/>>. Acesso em: 16 abril 2023.

PERÍCIA afirma que gases tóxicos causaram colapso no pulmão de Genivaldo. Fantástico, 9 de out. 2022. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/11012066/>>. Acesso em: 15 out. 2022.

PF pede prorrogação de prazo para concluir inquérito sobre morte de Genivaldo dos Santos: Homem morreu por asfixia e insuficiência respiratória durante abordagem de policiais rodoviários federais. Vídeos mostram que agentes usaram spray de pimenta e gás lacrimogêneo dentro de porta-malas de viatura com a vítima dentro. g1 SE, 21 jun. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/06/21/pf-prazo-inquerito-genivaldo.ghtml>>. Acesso em: 29 ago. 2022.

POLICIAIS rodoviários federais acusados de torturar e matar homem em Sergipe são presos: Genivaldo de Jesus Santos morreu em maio, asfixiado com gás lacrimogêneo no porta-malas do carro em que os policiais o trancaram. Os três agentes vão responder pelos crimes de abuso de autoridade, tortura e homicídio qualificado. Jornal Nacional, 14 out. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/10/14/policiais-rodoviarios-federais-acusados-de-torturar-e-matar-homem-em-sergipe-sao-presos.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2022.

POPULAÇÃO cresce, mas número de pessoas com menos de 30 anos cai 5,4% de 2012 a 2021. Agência de Notícias, 22 set 2022. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34438->

populacao-cresce-mas-numero-de-pessoas-com-menos-de-30-anos-cai-5-4-de-2012-a-2021>. Acesso em: 23 abril 2023.

PRF muda discurso ao falar sobre abordagem que resultou na morte de Genivaldo Santos em Sergipe: Genivaldo de Jesus Santos, de 38 anos, morreu após abordagem de agentes da Polícia Rodoviária Federal. Policiais admitiram que usaram spray de pimenta e gás lacrimogêneo dentro de viatura. Vídeos mostraram ação dos agentes. g1 SE, 28 maio 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/05/28/prf-diz-que-procedimentos-de-acao-que-resultou-na-morte-de-genivaldo-santos-nao-estao-de-acordo-com-as-diretrizes-e-manuais-da-instituicao.ghhtml>>. Acesso em: 5 set. 2022.

PRF volta atrás e divulga parte dos processos sobre condutas de policiais envolvidos na morte de Genivaldo Santos. g1 SE, 29 jun. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/06/29/prf-volta-atras-e-divulga-processos-sobre-condutas-de-policiais-envolvidos-na-morte-de-genivaldo-santos.ghhtml>>. Acesso em: 11 mar. 2023.

PSIQUIATRA responsável pelo tratamento de esquizofrenia disse que, no momento da abordagem, Genivaldo não estava em surto: O Fantástico teve acesso, com exclusividade, aos laudos da perícia do caso do homem agredido e asfixiado em uma abordagem brutal de policiais rodoviários federais, em Sergipe. À polícia, psiquiatra afirmou que Genivaldo era uma pessoa pacífica e levava uma vida normal. Fantástico, 11 de out. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/10/11/psiquiatra-responsavel-pelo-tratamento-de-esquizofrenia-disse-que-no-momento-da-abordagem-genivaldo-nao-estava-em-surto.ghhtml>>. Acesso em: 15 out. 2022.

RELATÓRIO do IML aponta que homem abordado pela PRF em SE morreu por asfixia mecânica e insuficiência respiratória: Imagens mostram agressões e homem no porta-malas de viatura em meio a fumaça. A PRF disse que foi aberto um procedimento disciplinar para averiguar a conduta dos policiais envolvidos. g1 SE, 26 maio 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/05/26/relatorio-impl-homem-morto-prf-em-sergipe.ghhtml>>. Acesso em: 10 set. 2022.

RODRIGUES, E. M., Larissa. **Documento sugere que Torres foi à Bahia tratar de bloqueios em rodovias visando resultado das eleições.** Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/documento-sugere-que-torres-foi-a-bahia-tratar-de-bloqueios-em-rodovias-visando-resultado-das-eleicoes/>>. Acesso em: 20 abril. 2023.

SADI, Andréia; MARTINS, Marco Antônio. **Anderson Torres foi à Bahia pessoalmente pedir apoio da PF à PRF visando interferir no fluxo de eleitores.** G1, 3 abril 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/andrea-sadi/post/2023/04/03/anderson-torres-foi-a-bahia-pessoalmente-pedir-apoio-da-pf-a-prf-visando-interferir-no-fluxo-de-eleitores.ghhtml>>. Acesso em: 15 abril 2023.

SILVEIRA, R. A. DA; MEDEIROS, C. R. DE O. **O Herói-Envergonhado:** tensões e contradições no cotidiano do trabalho policial. Revista Brasileira de Segurança Pública, v. 10, n. 2, 29 set. 2016. Disponível em: <<https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/699/243>>. Acesso em: 24 abril 2023.

TV ATALAIA. **PRF envia multas que somam mais de 2 mil reais referente ao dia da abordagem** - Cidade Alerta. YouTube, 27 set. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=89F6UO2MWAI&t=8s>>. Acesso em: 30 set. 2022.

UOL. **Morte em viatura da PRF em Sergipe**: vídeos mostram início da abordagem dos agentes a Genivaldo. YouTube, 26 maio 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MpwWOIMyiOg>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

9. APÊNDICE

“Quem protege quem?”

Diário de bordo de livro-reportagem investigativo:

*Os nomes das fontes pessoais foram ocultados, podendo identificá-las apenas pela palavra Fonte seguida de uma numeração.

28 de janeiro

Marco essa como a semana oficial do início de TCC 2, ainda não comecei as entrevistas, mas ando tomando decisões editoriais importantes para a diagramação do livro, além de ter concluído com a minha orientadora o termo de consentimento para usar os depoimentos de cada entrevista. Confesso que me sinto um pouco inquieta por ter apenas três meses para concluir todo o projeto e apresentar um bom produto.

Uma coincidência é que essa semana estava entrevistando uma psiquiatra para fazer uma reportagem para o meu estágio e em uma conversa pós-entrevista comentei sobre o meu tema de TCC. Por coincidência, ela e o marido conheciam Genivaldo há muito tempo e o marido dela tem proximidade com a família. Como ainda não comecei as entrevistas, resolvi adiantar a etapa do último capítulo, que falará sobre como a população brasileira se sente em relação à polícia. Para isso, acabei criando uma conta no Twitter e no Instagram como forma de divulgar um formulário e conseguir alcançar muitas pessoas, consequentemente coletar muitos depoimentos. No meio de tudo isso, estou decidindo a identidade visual do livro, pois preciso montar algumas artes para divulgação do questionário e isso exige uma identidade visual definida, por enquanto pensei em vermelho, branco e preto. Também comecei a pensar na capa, que não queria colocar com muitas informações nela e sim dar foco ao título.

2 de fevereiro

Primeiro contato com as fontes

Hoje efetuei o primeiro contato com as fontes principais e consegui o número da Fonte 1, ex-marido da psiquiatra que havia entrevistado recentemente.

Estava em uma cadeira confortável no estágio, encarando meu caderno com os tópicos que eu precisaria abordar nas ligações. Checando: livro, tema, perfil de Genivaldo, é para o TCC. Levantei da sala e fui em direção à escada que tem na entrada do prédio. Me acomodei por ali.

Liguei para Fonte 2, me apresentei, sua voz estava calma, parecia já acostumada com essa questão de entrevistas. Sem muitas perguntas sobre, ela aceitou e eu aproveitei para pedir o número de outra pessoa da família, além de conseguir o nome do psiquiatra de Genivaldo e onde ele atende.

Quando a Fonte 3 atendeu, foi bem receptiva, assim como a Fonte 2, ela concordou com a entrevista sem muitas perguntas. Informei a ela que ligaria no dia seguinte para marcar o horário e local.

Voltei para a sala da TV UFS animada e aliviada por elas terem aceitado e comecei a perguntar quem tinha contato de alguém do IML, porque preciso de um perito para explicar os efeitos dos gases (que constaram no laudo) no corpo humano. Resumindo essa parte? Entrei em contato com duas pessoas do SSP, uma não me respondeu e outra me pediu as perguntas e depois informou que qualquer detalhe sobre o processo é propriedade da Polícia Federal. Insisti alegando que só preciso saber sobre os gases e que não entraria em detalhes do caso e nem nada que estivesse em sigilo, então ela disse que iria verificar, porém, não me retornou mais. Seguimos o dia, mas comemorei porque duas fontes confirmaram.

4 de fevereiro

Confirmando local e horário com as fontes

Hoje é sábado, esperei até 10h da manhã para poder ligar para as duas fontes, porque considero esse um horário aceitável de poder telefonar para pessoas que não tenho muita intimidade. Talvez seja só uma teoria minha, mas não acho que em final de semana alguém gosta de ser “incomodado” antes das 10h.

Comecei ligando para a Fonte 3, porque tinha que pedir o número de outros familiares para marcar entrevistas também. No final, a pessoa que eu queria entrevistar não possui celular, então ela sugeriu que a gente fosse lá no dia da entrevista. Marcada para terça (07/02), 9h30.

Quando liguei para a Fonte 2, uma voz de criança atendeu do outro lado da linha, imagino que tenha sido seu filho mais novo. Logo após, outra pessoa pega o celular, também com voz masculina, creio que seu filho mais velho e passa para a mãe. Pergunto o local e marco a entrevista para terça também, às 14h. Desligo e coloco o celular sob a mesa, respirando fundo e ciente de que agora é “para valer”, os primeiros passos já foram dados.

6 de fevereiro

Pela manhã

Um dia antes das entrevistas marcadas.

Estava olhando o celular, quando recebo uma notificação do WhatsApp. A Fonte 2 me mandou mensagem. Abro já um pouco aflita, pois não é de costume nos comunicarmos por lá, então previa que algo conturbado iria acontecer. Acertei.

A mensagem dizia o seguinte:

[6/2 11:41] Fonte 2: Bom dia

[6/2 11:42] Fonte 2: Entrando em contato para cancelar e a *Fonte 3 pediu que ligasse pra ela

[6/2 11:43] Fonte 2: Que iremos marcar outra data

[6/2 11:43] Fonte 2: Se possível

Quando perguntei se podia saber o motivo, ela afirmou que não. Então lembrei o que minha orientadora havia dito uma vez, que em alguns momentos eu teria que convencer a fonte a mudar de ideia e foi isso que tentei colocar em prática. Falei que já estava na cidade para a entrevista (que havíamos marcado para amanhã) e que se fosse algum problema com uso de imagem ou sobre entrar no assunto dos processos, que poderíamos resolver e que eu não abordaria isso e sim sobre a vida dele. Então ela me pediu para falar com a Fonte 3, pois ela me explicaria melhor, mas quando liguei caía direto na caixa postal, informei a ela, que me questionou se era sobre ele mesmo e disse que seria hoje às 14h que eu iria. Me assustei de primeira e reforcei a pergunta, questionei se ela estava falando sobre a entrevista, ela afirmou que sim.

Então mandei a seguinte mensagem, para não perder a fonte: Se quiser, a gente pode conversar melhor e você tira as dúvidas sobre antes de realizarmos a entrevista.

Ótimo! Ela me passou o contato da advogada que representa ela, falou que eu explicando para a advogada, ela (Fonte 2) ficaria sem dúvidas. Como uma boa pessoa ansiosa, liguei de imediato. Expliquei a situação, informei que não iria entrar em detalhes no caso, que seria para falar sobre a vida dele como pai de família, filho de alguém e ela disse que por ela não havia objeções e que seria até bom para o processo, mas que quando Fonte 3 entrou em contato com o advogado que a representa, não explicou isso bem e que a Fonte 3 passou essas informações para a Fonte 2, o que lhe causou medo. Informei que poderia enviar os papéis das pesquisas que fiz em TCC 1 e o comprovante que sou vinculada na UFS, assim como os papéis de termo de consentimento e livre esclarecimento para ela, antes de assinarem. Então ela disse que iria entrar em contato com os

outros advogados e retornaria em 10 minutos. Agora se passaram exatos 29 minutos da ligação, então retornarei. Cruzando os dedos para dar tudo certo.

13h18

A advogada acabou de me ligar informando que entraram em um consenso que isso não seria bom para a acusação no momento, mas que poderiam tentar novamente depois do plenário (que ainda não tem data marcada). Respirei fundo e sugeri que a gente podia entrar em um acordo, de que o livro só seria mostrado para a banca de TCC e alguns alunos que irão assistir, mas que divulgado e publicado somente depois desse plenário, para não atrapalhar no caso. Ela disse que iria entrar em contato com eles para tentar isso e me retornaria. Estou tentando não perder as esperanças. Preciso muito desse “sim”.

17h19

Não deu tudo certo. Começar a pensar no plano B.

19h49

Como o lema é “não desistir”, aqui estou eu. Acabei de entrevistar a Fonte 4, um parente de Genivaldo, as primeiras informações foram bem importantes, como: ele trabalhava de moto táxi a mais de 12 anos, mas não tinha CNH por conta do seu problema; a moto que normalmente ele usava era do dono do Jogo do Bicho, para quem ele também trabalhava e vendia bilhetes; o seu apelido era “Moço”, porque ele chamava todo mundo assim; gostava de dar conselhos e evitava ao máximo entrar em brigas; sonhava em ter uma “moto 300” e em dar uma casa para seu filho (a quem ele chamava de “príncipe”, “meu amor” e outros apelidos).

Minutos antes da entrevista, comentei com Sonia que os advogados não permitiram as entrevistas com a família mais próxima e ela me orientou a “correr por fora” para conseguir depoimento de outros parentes e amigos próximos.

10 de fevereiro

Recentemente tenho me sentido em um drama coreano, cheio de altos e baixos em uma curta distância de tempo.

Ontem confirmei com a Fonte 1 a entrevista às 9h da manhã, ela disse que teria uma reunião uma hora antes. Acordei cedo, separei os papéis de autorização, a caneta e o caderno que estou usando para anotar tópicos importantes ditos durante a entrevista, solicitei um Uber e fui. Quando havia passado cinco minutos que saí de casa, ele me manda uma mensagem escrita “Tenho compromisso às 9h”, respirei fundo e de repente ele me liga avisando que estava indo embora porque tinha que ir para o compromisso dele. Pensei que se entrasse em desespero não iria resolver nada, então respirei fundo e pedi para ele esperar alguns minutos, pois eu já estava chegando, mas ela insistia em dizer que precisava ir e sugeria que a gente se encontrasse meio-dia. Depois de muita insistência de minha parte, decidi esperar.

Quando cheguei ao local, que era uma delicatessen do posto que fica em frente ao Shopping Jardins, reparo que ela não está por ali, então pego o celular, desbloqueio e começo a ligar. Depois de alguns minutos, aparece pela porta da frente da loja. A entrevista me proporcionou alguns insights.

22 de fevereiro

Comecei a escrever

Recentemente comecei a trabalhar no rascunho do projeto gráfico, mas no Canva, já que as entrevistas ainda não estavam acontecendo. Consultei todos os livros presentes na minha escrivaninha, procurando inspiração e hoje terminei o rascunho do layout e tive uma ideia de como começar o livro, então dei o passo inicial. Também já entrei em contato com o designer e pedi orçamento da capa e depois segui com a contratação. Um pouco ansiosa, porque falta pouco tempo e não tem muita coisa pronta.

27 de fevereiro

Hoje tive duas reuniões sobre o TCC, a de orientação e uma para tirar uma dúvida sobre o layout do livro, com a professora Germana, do curso de Design Gráfico da UFS.

Apresentei a Sonia algumas ideias de capa que encaminhei para o designer e discutimos sobre o outro formulário e o estilo de cada capítulo, foi sugerido por ela que cada capítulo poderia ter um estilo de escrita, pois nem sempre dará para narrar as coisas como será trabalhado no primeiro.

A reunião com Germana foi curta, pois não tinha muito para ver ainda e a maioria das coisas estavam certas. Ela sugeriu também dar um pouco mais de margem na parte de dentro se o livro for colado e se disponibilizou para revisar quando estiver finalizado.

28 de fevereiro

Entrevista com a presidente da Comissão Dos Direitos Humanos da OAB-SE

Foi a primeira vez que fui ao prédio da OAB-SE, confesso que quase me perdi.

Ela foi bastante simpática, falou bastante e apontou questões muito pertinentes para o TCC, como a questão da Comissão dos Direitos Humanos ser uma “comissão — guarda-chuva”, porque abrange muitas coisas e normalmente trabalha em conjunto com outras comissões. Ela também informou que outras duas comissões trabalharam em conjunto a dela no caso de Genivaldo: Comissão de Igualdade Racial e Comissão de Pessoas com Deficiência, por se tratar de uma pessoa negra com esquizofrenia.

13 de março

Primeiro rascunho da capa do livro

É curioso e gratificante ver as coisas começando a tomar forma. A capa talvez seja uma das coisas que mais me deixa ansiosa e nervosa, por se tratar da “porta de entrada” para ler o conteúdo. O primeiro rascunho captou as ideias que havia conversado com o designer, mas ainda não pareceu a escolha certa, então agora estamos trabalhando em cima dessa ideia, para chegar a um produto final ideal.

21 de março

Capa final do livro

A capa finalmente ficou pronta ontem! Agora só falta mudar os textos das orelhas e da biografia, além da minha foto.

Todo o processo foi bem legal, encontrei o designer por intermédio de um amigo que também trabalha com isso. No começo, só tinha em mente que queria uma ilustração e que tinha que ser em um fundo preto, para trazer seriedade. Então uma das primeiras coisas que falei para o designer foi isso. Ele gostou do tema desde o início também, disse que seria legal trabalhar com o assunto e que faria um preço razoável, já que entende que sou universitária (ele também é) e que

auxiliaria no portfólio dele. A hora de buscar referências de capa no Behance foi uma das mais divertidas, tinham muitas coisas legais que gostei e fui salvando na pasta para mandar para ele, que desde o começo percebeu que eu queria trabalhar com silhuetas.

21 de março

Layout das páginas do miolo

Confesso que comecei o projeto por isso, como contei anteriormente. Como estava estacionada nas entrevistas, resolvi seguir outra linha e instalar o software para diagramação para passar o que estava montando pelo Canva, nesse caso, baixei o Adobe InDesign. Comecei pedindo ajuda para minha amiga que cursa Design Gráfico na UFS, Maryana, para questões de medidas das páginas e qual seria o melhor formato, então a partir daí fui tentando aprender na prática como funcionava as coisas no software.

22 de março

Trabalhando nos capítulos

Ontem finalizei o primeiro rascunho de um capítulo do livro, a sensação é de felicidade e um pouco de aflição por não saber o que a orientadora achará da minha escrita.

Confesso que foi muito difícil escrever esse capítulo, porque precisei rever muitas vezes e minuciosamente vídeos do dia do ocorrido e foi inevitável não se abalar com isso, afinal, sei bem o que aconteceu depois que acabou a gravação, mas tentei transcrever toda a cena de maneira mais fiel possível, sem me deixar ser interferida por questões externas.

Além disso, estou trabalhando com várias abas do Google Docs abertas porque quando a escrita não flui por um lado, tento por outro, assim, consigo administrar também a quantidade de capítulos e as mudanças de angulação que eles tiveram nos últimos dias.

30 de março

Entrevista com dois presidentes das comissões OAB/SE

Hoje foi dia de mais duas entrevistas com presidentes de duas comissões da OAB/SE. Não estava nervosa, mas estou um pouco cansada e tentei fazer isso não transparecer.

Logo quando cheguei no escritório de Sheila Christine (Comissão de Direitos da Pessoa com Deficiência) e Carlos Cesar Zuzarte (Comissão de Igualdade Racial) quem me atendeu foi ele,

pedindo para eu ir até seu carro pegar a chave do escritório que estava no banco da frente, pois estava "trancado", já que as outras pessoas haviam saído para almoçar (aparentemente). Então o começo foi mais descontraído, tudo fluiu bem e saí de lá com um bom material. Além disso, pedi para Zuzarte me enviar um regimento que falava de coisas técnicas sobre as comissões da OAB/SE, acho que ajudará muito.

Uber e gráficas

Quando saí do local das entrevistas tive problemas com o aplicativo da Uber, solicitava e cancelavam a todo momento. Depois de alguns minutos, Zuzarte e uma advogada a qual não fui apresentada saíram e me ofereceram carona, mas acabei recusando, por desistir de voltar para casa direto e resolver passar em uma gráfica. Por falar em gráfica, a que eu estava em contato tem me enrolado e ignorado, então resolvi procurar uma gráfica maior mesmo, na tentativa de convencer a imprimirem poucos livros (pois a maioria tem uma quantidade mínima de impressão). Peguei um Uber, mudei a rota e fui para a Gráfica Editora J Andrade, a moça foi bem receptiva e quando perguntei sobre a quantidade mínima de impressões, ela me informou que era 50, expliquei a situação e ela me passou o contato de outra pessoa que trabalha lá, que poderia me ajudar com isso e imprimir apenas uma cópia se fosse o caso. Saí de lá com esperanças, pedi outro Uber, queria dizer que estou indo para casa descansar, mas agora vou em mais outra gráfica (agora perto da UFS) e depois para casa escrever as ideias que essas duas entrevistas me proporcionaram.

06 de abril

Após a revisão do primeiro capítulo

A professora acabou agora de revisar o primeiro capítulo, confesso que estou desde ontem acompanhando os comentários no documento pelas notificações, o que me acalmou e me deu inspiração e um “empurrãozinho” para voltar ao foco. Ela entrou em contato comigo pelo WhatsApp para informar isso e sugerir que eu voltasse agora para o capítulo 1 e só depois da reescrita continuasse os outros. Amei a sugestão dela de começar o segundo capítulo com a música Polícia da banda Titãs, para mostrar como as forças policiais estão organizadas no Brasil. Sendo que no 3º entrariam as comissões e armas não-letais e no 4º entraria a questão dos formulários como um relato de percepções e não uma amostra estatística. Recebi outro conselho

dela que me deu uma luz: “Pense o tempo todo que você está contando uma história na qual os leitores devem se identificar como população brasileira”. Faltam mais ou menos 20 dias para finalizar o rascunho, de acordo comigo mesma, então agora mudarei de documento e ir reescrever o capítulo.

13 de abril

Às 03h02 da manhã

Ando “trocando o dia pela noite” para finalizar as coisas. Estou um pouco ansiosa com o TCC, então resolvi adiantar o diário de bordo sobre o que aconteceu nos últimos dois dias.

Na terça-feira (11/04) despertei com uma mensagem de Sonia que respondia o meu questionamento: será que devo tentar entrar em contato de novo com a Fonte 2 e 3 para acrescentar algumas informações no capítulo 1? A resposta foi sim, seguida de sugestão de fonte para outro capítulo (entrevistar o novo superintendente da PRF de Sergipe).

Dei um pulo da cama que estava sentada, respirei fundo e comecei a missão. Liguei para a advogada da Fonte 2, com intuito de tentar convencer o grupo de advogados de novo, novamente ela disse que não se opunha a isso, mas precisava das respostas dos outros e até agora aguardo notícias. Liguei na quarta pela tarde e ela informou que até quinta eles me dariam retorno.

Liguei para a secretária do superintendente e ela pediu para eu mandar a pauta pelo WhatsApp, que já repassaria para ele. Expliquei que era uma pesquisa para o TCC, sobre a imagem da PRF e a percepção das pessoas em relação à polícia. Como ele acabou de ser nomeado, ela me explicou estar com a agenda corrida e ontem ligou informando que ele só pode na semana do dia 24, o que é arriscado, porque preciso terminar o livro rápido. Mas aguardarei, pensando em outras alternativas.

Comentei com Sonia também sobre a dificuldade de encontrar uma gráfica ou editora que imprima poucos livros, para deixá-la ciente, mas é um problema um pouco mais para a frente, já que tenho alguns orçamentos e possíveis soluções.

Em uma das revisões que ela fez no primeiro capítulo, sugeri que eu começasse o segundo capítulo com a letra toda da música de Titãs, enquanto estávamos conversando onde ficaria a ilustração ela comentou que poderia ser na parte superior, com título abaixo e epígrafe com estrofe de letra de música, o que me deu a ideia de distribuirmos a música do segundo capítulo durante todo o livro.

Ainda na última terça, tive um leve surto e pensando que minha escrita estava horrível (talvez culpa da ansiedade), mas quando me desprendi disso, o processo de escrever fluiu tão bem que só consegui parar às 6h da manhã. Esse pico de criatividade ajudou a finalizar o capítulo e anotar algumas partes dos outros três.

Acho que é isso, um resumo do começo da semana. Agora tentarei dormir e mais tarde volto para a frente do notebook.

16 de abril

Estou terminando de me planejar para ir amanhã de manhã na sede da PRF tentar falar pessoalmente com a secretária do superintendente, para conseguir a entrevista ainda essa semana, o plano b será entrevistar o substituto dele. Por falar em entrevistas, a advogada da Fonte 2 não me respondeu mais, e como o tempo está passando, Sonia sugeriu não inserir mais essa parte. Tendo em vista que faltava apenas isso para concluir o capítulo 1, posso dizer que finalizei essa parte. Os outros estão na metade.

23 de abril

Acordei já preocupada e quando vi a notificação no meu celular pareceu que todo o planejamento iria desabar. Ontem falei com o designer que irá fazer as ilustrações para cada capítulo e hoje ele me informa que não irá mais, que desistiu, faltando dois dias para nosso prazo acordado. Tentei argumentar, mas sem sucesso.

Tentando ser racional e não ficar abalada, fui logo atrás de quem poderia fazer esse tipo de ilustração e que aceitasse um prazo de 5 dias. Consegui, só que o orçamento fugiu do que eu havia planejado. Liguei para minha mãe para pedir conselho e ela disse que me ajudaria se fosse necessário, então fechei com a ilustradora e informei a Sonia do ocorrido brevemente, além de dizer que eu estaria enviando hoje alguns arquivos do meu livro para ela.

Hoje planejo entregar dois capítulos, o que significa que fica faltando apenas metade de um (porque a entrevista com o superintendente está marcada para quinta-feira) e o prefácio. A meta também é não ter uma crise de ansiedade, não posso me desestabilizar no momento, amanhã tenho terapia (risos de nervoso?).

26 de abril

Recebi as linearts das cinco ilustrações que encomendei para a designer. Todas aprovadas de primeira, com poucos ajustes. No dia seguinte à contratação, enviei para ela um documento com referências e explicando um pouco de cada capítulo e no final do dia já tinha recebido os rascunhos e tanto eu quanto minha orientadora gostamos muito. Amanhã será o dia de ela me entregar as imagens finais. Considerando que o prazo que dei foi extremamente curto, e mesmo se não tivesse sido, atendeu totalmente minhas expectativas. Também recebi confirmação da secretária do superintendente da PRF, amanhã às 11h.

27 de abril às 19h11min

Finalmente a última entrevista para o TCC foi concluída.

Confesso que cheguei um pouco nervosa na PRF. Informei na recepção que tinha um horário marcado com o superintendente (o que achei muito chique de se falar), efetuei o cadastro, peguei o crachá de visitante e fui com a “cara e a coragem” — ou quase isso.

Após conversar um pouco com a secretária dele, enquanto ele estava ocupado, me acalmei um pouco. Então ele saiu da sala outro representante da instituição e me chamou. Nos apresentamos, expliquei por cima o que estava pesquisando, falei que precisava de autorização para gravar e então começamos. Foi tudo muito fluido e calmo, me tirou várias dúvidas e pontuou questões importantes, principalmente sobre direitos humanos.

Voltei para casa e transcrevi o áudio. Acabei de escrever o capítulo 2 agora, finalmente — é tão bom riscar isso da lista, agora falta pouco para finalizar o produto. Parei só para anotar como foi o dia de hoje até o momento, mas agora voltarei ao trabalho.

30 de abril

Todos os capítulos revisados, muita coisa foi realocada e algumas acabaram sendo cortadas, para deixar a história mais objetiva, o que era posfácio acabou se tornando um capítulo e chegamos ao final do livro com cinco capítulos. Foi satisfatório saber que essa parte foi concluída e liberada para a diagramação. Além disso, recebi no final de semana as ilustrações e ficaram lindas. Finalmente os últimos passos para a entrega final.

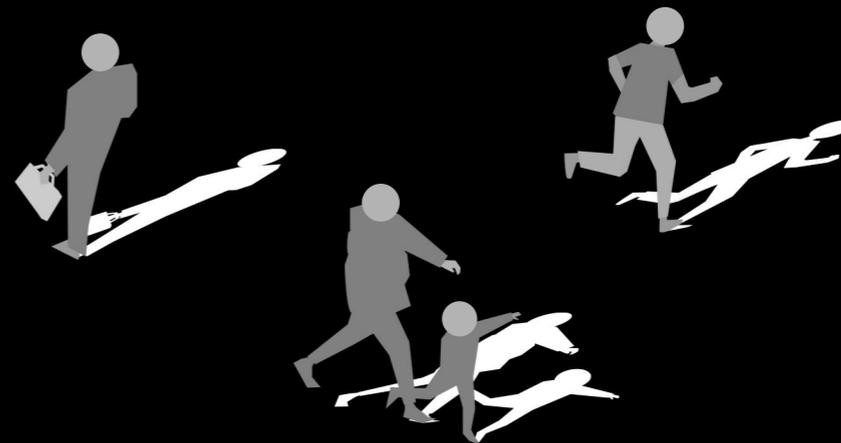


NÃO É A PRF QUEM ABORDA VOCÊ, É O POLICIAL QUE VAI ABORDAR O MOTORISTA. MAS ELE LEVA TODA A IMAGEM DA POLÍCIA PARA ELE. ENTÃO, SE ELE ESTIVER ESTRESSADO E TRATAR MAL O MOTORISTA, O MOTORISTA VAI ENTENDER QUE A PRF É DAQUELE JEITO.



FRANCIELE OLIVEIRA é sergipana, natural de Boquim, mas foi em Umbaúba que passou a maior parte da sua infância e adolescência. Em 2015 criou o blog Olhar de Garota, responsável por despertar sua paixão pela escrita e o sonho de publicar um livro. A escolha pelo Jornalismo deu-se a partir desse anseio em ser escritora e comunicar algo ao mundo. Ao longo da graduação, explorou diversas áreas de atuação, se encantou pelo telejornalismo, pelo papel social da profissão e manteve seu amor pela escrita. Buscando colecionar experiências em diferentes áreas da comunicação, em 2020 foi redatora de moda no Lab Dicas Jornalismo e nesse mesmo ano tornou-se líder de marketing na equipe Serbaja, da Universidade Federal de Sergipe. Além disso, também ingressou na TV UFS como estagiária em 2021, permanecendo como voluntária até o final da sua formação.

QUEM PROTEGE QUEM?
 FRANCIELE OLIVEIRA



QUEM PROTEGE QUEM?

O CASO GENIVALDO E O MEDO DA POLÍCIA



Franciele Oliveira

Este livro-reportagem é um produto experimental de Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo pela Universidade Federal de Sergipe, elaborado por Maria Franciele da Silva de Oliveira, sob orientação da professora Sonia Aguiar.

QUEM PROTEGE QUEM?

O CASO GENIVALDO E O MEDO DA POLÍCIA



Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Centro de Ciências Humanas (CECH)
Departamento de Comunicação Social (DCOS)
Curso de Jornalismo

Professora orientadora: Dr^a Sonia Aguiar Lopes
Orientanda: Maria Franciele da Silva de Oliveira
Reportagem, edição e projeto gráfico: Franciele Oliveira
Capa: Victor Cerqueira
Ilustrações: Yas Tavares

Copyright© 2023 Maria Franciele da Silva de Oliveira

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem autorização por escrito da autora.

Quem protege quem? O caso Genivaldo e o medo da polícia é um livro-reportagem desenvolvido como produto experimental do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo.

Edição da autora
francys411@gmail.com

Franciele Oliveira

QUEM PROTEGE QUEM?
O CASO GENIVALDO E O MEDO DA POLÍCIA

Posfácio
Carlos Madeiro

Orientação
Sonia Aguiar

São Cristóvão
Abril 2023

*À minha mãe, Rosineide, que me inspirou
com sua força e coragem desde cedo, e ao
meu pai Roberto (in memorian), que não
pôde me ver crescer, mas sei que sentiria
orgulho de ver quem estou me tornando.*

Meu amor por vocês é indelével.

*Eu não sou contra a polícia;
só tenho medo dela.*

- Alfred Hitchcock

APRESENTAÇÃO

Ao longo da vida ficamos sabendo de várias tragédias que acontecem ao redor do mundo, mas nunca imaginamos que algo assim possa acontecer tão próximo e com pessoas conhecidas. Após receber a notícia de que haviam assassinado um homem chamado Genivaldo, durante uma abordagem da PRF na cidade onde morava, custei a acreditar. Só entendi que era realmente verdade quando se tornou o assunto mais falado em todas as redes sociais que eu acessava. Como moradora de Umbaúba desde criança, já ouvi relatos de vários conflitos entre a polícia e os cidadãos, mas não imaginava que algo tão grave pudesse acontecer. Então comecei a me questionar: se a polícia, com função de nos proteger, está nos causando medo e insegurança, quem protege a gente? Quem protege quem? A partir daí surgiu o título.

Ouvir depoimentos de pessoas próximas e acompanhar de perto o impacto que o assassinato de Genivaldo causou na cidade me fizeram refletir sobre a violência policial de maneira mais ampla. Ler matérias e assistir vídeos sobre o dia do ocorrido gerou angústia e necessidade de protestar contra esse assunto, de forma que saísse da bolha das postagens nas redes sociais. Assim, de certa forma, foi o tema desse livro que me escolheu.

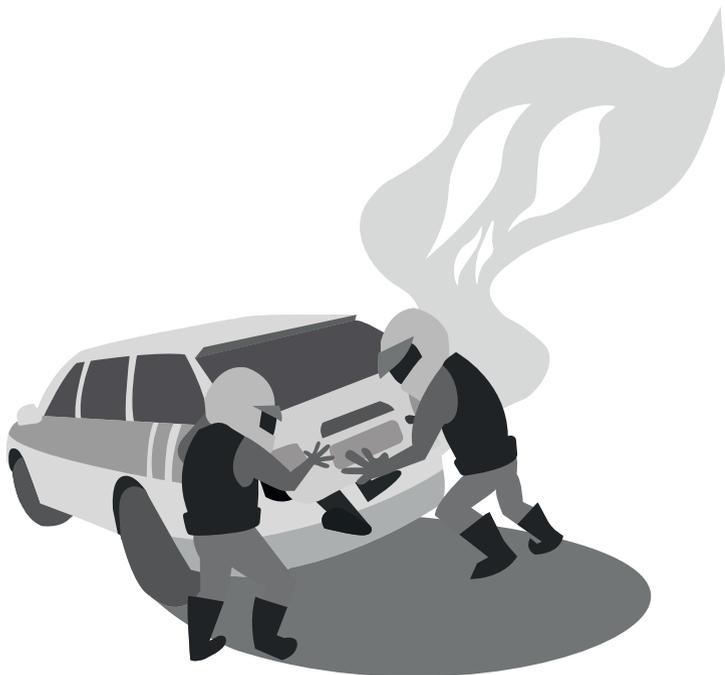
Com intuito de mostrar que não é apenas um ato isolado, o livro-reportagem foi inicialmente pensado

SUMÁRIO

com todos os capítulos voltados para a história de vida de Genivaldo. Mas a construção da história foi sendo redirecionada, conforme a aproximação com o tema e empecilhos com as fontes. Nesse caminho, foram surgindo novas maneiras de tratar esse assunto, com maior participação de fontes documentais em vários formatos (artigos, relatórios de pesquisa, matérias jornalísticas e vídeos), porém, sem perder de vista o caso Genivaldo como um fio condutor para debater a pergunta do título.

Ao final, conclui-se que pôr em pauta o aumento de casos de abordagens policiais truculentas ou fatais é necessário para podermos estimular melhorias na segurança pública do Brasil. Além disso, é importante ter em mente que não é todo policial, mas é sempre um policial.

DE UMBAÚBA PARA O MUNDO.....	13
11 horas e 41 minutos.....	22
A narrativa oficial.....	25
Morte lenta, justiça também.....	27
UMA CORPORAÇÃO EM XEQUE: POLÍCIA E POLÍTICA COMBINAM?.....	39
Desenrolar do 8 de janeiro.....	43
Mudanças na PRF de Sergipe.....	45
SER POLICIAL: HERÓI OU BANDIDO?.....	51
Truculento ou herói envergonhado?.....	55
DIREITOS CONTRA ATOS DESUMANOS.....	61
Mas suspeito tem cor?.....	64
QUEM PROTEGE QUEM? PERCEPÇÕES DA VIOLÊNCIA URBANA.....	75
POSFÁCIO.....	87
AGRADECIMENTOS	91
REFERÊNCIAS.....	95



*Dizem que ela existe
Pra proteger!
Eu sei que ela pode
Te parar!
Eu sei que ela pode
Te prender!*

De Umbaúba para o mundo

Umbaúba é um município de pouco mais de 25 mil habitantes, situado no litoral Sul de Sergipe, a 109 km da capital, Aracaju. Seu IDHM baixo (0,579) reflete a vida de dificuldades da maior parte da população, que tem como principais fontes de renda a venda de produtos agrícolas, predominantemente a laranja, e um comércio pequeno, mas diversificado. Seu ponto forte é a feira livre às segundas-feiras e aos sábados, que atrai produtores rurais e moradores de povoados e cidades vizinhas.

A área urbana do município é cortada pela estrada BR-101, na altura do quilômetro 179,5 da rodovia. Não muito longe dali, no km 201 da BR, no município vizinho de Cristinápolis, há um posto da Polícia Rodoviária Federal (PRF), responsável por todo o Sul do Estado.

Por isso a população umbaubense está acostumada com a circulação das viaturas pretas com inscrições em amarelo da corporação, em busca de veículos e motoristas em situação irregular. Tanto que alguns condutores, quando as avistam à distância, dão meia volta e avisam aos mais próximos.

Mas naquele 25 de maio de 2022, uma quinta-feira com pouco movimento de veículos indo e vindo pela pista, algo quebrou a rotina... Comumente chamado de blitz, o bloqueio policial dessa vez foi feito de frente para o Auto Posto Reforço II, local em que veículos automotores são abastecidos com combustível e onde também há restaurantes e outros serviços para caminhoneiros e viajantes, próximo a uma oficina de conserto de veículos. Por volta de 11h da manhã, três agentes da PRF ordenam um homem negro que pilotava uma moto vermelha a parar e descer. Era Genivaldo de Jesus Santos, de 38 anos, que apesar de não ter carteira de motorista, trabalhava como mototaxista e cambista do jogo do bicho e naquele dia estava dirigindo sem capacete.

Uma poça no chão de areia em frente à oficina onde começa a abordagem indica que choveu ali mais cedo. Genivaldo desliga a moto, desce e coloca no chão algo que estava carregando nas mãos. Em seguida, aguarda os policiais que caminham em sua direção. Um deles grita, de longe:

— Colabora... senão vai ser pior para você. Bota a

porra da mão pra eu ver.

— Pronto, aqui ó. — diz Genivaldo, enquanto se abaixa para colocar no chão as coisas que estava segurando.

— Aqui é palhaço, aqui? Bota a mão para cima! Bora! — repete, enquanto o outro agente caminha em direção a Genivaldo.

O policial William de Barros Noia inicia a abordagem. Assim que chega, levanta os braços de Genivaldo e começa a inspeção. Genivaldo obedece às ordens, sem muitos movimentos, e não tenta fugir da situação. Mas faz um apelo:

— Pera aí, véi. Meu Deus! Eu sou uma pessoa legal. — pondera, enquanto os policiais continuam gritando.

— Legal é o caralho, cala a boca! — ordena Kleber Nascimento Freitas, o policial que está mais distante, segurando um fuzil apontado para o chão.

— Certo. — consente Genivaldo, confuso com a situação.

— Bota a mão para cima! Bora! — repete o policial Kleber, enquanto o outro agente caminha em direção ao mototaxista.

Genivaldo mostra as palmas das mãos vazias e diz que não está fazendo nada. Em seguida, pede mais uma vez para que eles esperem e tenham calma, mas é novamente mandado ficar em silêncio. O policial Kleber se aproxima à medida que o policial William começa a revistar a roupa de Genivaldo, procurando algo nos bolsos

da bermuda jeans. Depois faz força para manter os braços do homem suspensos enquanto tenta afastar os pés dele com a própria perna direita.

— Se contenha! Se contenha! — manda o agente Kleber, indo em sua direção.

— Abra a perna, caralho! — exige William.

— Se contenha. Se contenha! — repete.

A partir daí as pessoas que estão por perto começam a estranhar a forma como a abordagem está sendo feita. Alguns homens que estão na oficina em frente à qual a viatura foi estacionada começam a registrar a situação com a câmera do celular, mas de forma discreta, para não serem flagrados.

16 — Diga o que é que você procura, oxe. Não tenho nenhum negócio de errado, não — roga Genivaldo, um tanto confuso, enquanto William passa as mãos sobre sua roupa procurando alguma coisa.

Suas mãos permanecem para cima. Seu braço esquerdo entrelaçado com o do policial, que faz um movimento de abaixar o outro, mas logo em seguida o levanta e prende as duas mãos juntas. Até aqui os policiais ainda não explicaram o porquê da abordagem.

— Bota a mão na cabeça, caralho. Bota a mão na cabeça, porra! — grita Kleber, o PRF que está armado. Ao se aproximar, levanta uma lata que tinha na mão e borrifa o conteúdo a poucos centímetros do rosto de Genivaldo. Era spray de pimenta.

— Beleza. — responde o mototaxista, enquanto passa a mão pelo rosto, tentando se livrar do incômodo, mas o policial que o estava segurando o puxa para trás pelo ombro. Quando William levanta a mão para lhe dar um tapa, ele se solta e dá alguns passos para o lado. Imediatamente o PRF tenta voltar a prender as mãos do homem acima da cabeça, mas ele desvia e se afasta. Por conta disso, recebe mais jatos de spray de pimenta no rosto.

— Eu não tô fazendo nada, não, pô. — reclama, agora com os braços presos pelos dois policiais.

— Vá pro chão! — grita Kleber. — Vá pro chão, já! — ordena, mas Genivaldo caminha em direção à sua moto.

— Pro chão, porra! Tô mandando ir pro chão, caralho! — grita novamente.

Tudo isso se passou em não mais do que um minuto e meio desde que o mototaxista foi parado. A aproximadamente dez metros de distância, de costas para a BR-101, dois homens assistem ao que está acontecendo. Um deles é Wallison de Jesus, sobrinho de Genivaldo, e que, diante de toda a situação, resolve informar aos policiais que seu tio tem transtorno mental.

Temendo o rumo que a situação estava tomando, Wallison caminha alguns passos em direção ao grupo e pede para o tio fazer o que os policiais estão pedindo. Genivaldo então começa a se abaixar próximo ao agente William, que interrompe o movimento e se posiciona atrás dele. O policial pega os braços do mototaxista com

força e os puxa para trás. Ele cai de costas no chão sujo de areia e resmunga algo inaudível. Preocupado, Wallison alerta o tio:

— Se acalme... Se acalme... Se acalme. Senão ele vai agredir você — diz, referindo-se ao policial William.

Genivaldo tenta apoiar seus pés no chão para se levantar, mas o policial prende seus braços de novo e o força a deitar.

— Bota a mão no chão! Bota a mão no chão! — manda William, tentando manter o homem abaixado.

— Vai pro chão! — grita Kleber, agora apontando a arma para as pernas de Genivaldo. — Pro chão, porra!

Genivaldo tenta se erguer várias vezes, mas é continuamente puxado para trás por William, que passa o braço ao redor do seu pescoço e o prende em um golpe semelhante ao chamado mata-leão, usado em artes marciais. Então Kleber se aproxima e borrifa mais gás de pimenta sobre o homem preso e aponta o fuzil para ele.

As pessoas que estavam passando começam a parar para assistir à situação. Dezenas de pessoas, algumas filmando e outras apenas olhando de longe, com os braços cruzados. Dois minutos depois do começo da abordagem chega outro policial, Paulo Rodolpho Lima Nascimento, para ajudar seus colegas. William e Paulo levantam Genivaldo segurando-o pelos braços, um de cada lado, e o levam até a moto.

— Eu tô fazendo o que a você? Eu tô fazendo o

que a você? — questiona Genivaldo, enquanto tenta se soltar.

— Deita no chão. Eu tô mandando. Deita no chão. — manda o policial Paulo, enquanto Kleber se aproxima e joga gás pimenta mais duas vezes no rosto de Genivaldo, até que percebe que o frasco ficou vazio.

— O que é que eu tô fazendo o que a vocês? — insiste Genivaldo, mas novamente não é respondido.

Depois que Genivaldo está estirado na rua, Paulo e William começam a pressionar seu pescoço e peito com os joelhos. Enquanto isso, Kleber circula em volta da cena com a arma apontada para baixo, para e coloca o pé em cima da perna de Genivaldo, impedindo-o de se debater para tentar sair daquela situação.

Um dos policiais senta em cima dele, tentando imobilizá-lo, enquanto o outro começa a amarrar as suas mãos e pés e o terceiro permanece com a arma apontada para baixo, circulando em volta deles e intimidando as pessoas presentes no local, ordenando que parassem de gravar. Nesse momento, Genivaldo já está todo sujo de terra e lama.

— Cara, se seu parente tem problema mental, cê tem que avisar, cara. — diz a Wallison um homem que está gravando de longe, mostrando-se abismado com a situação. — Caraca, mano. Pô, cara, se ele tem problema mental, cê tem que falar, pô! — reitera ao sobrinho do mototaxista. — Já falamo... — diz um outro homem, indo

em sua direção.

— Ele sabe que o cara é doente e ainda faz um negócio desse. — comenta uma mulher ao lado.

— Ele tem problema mental. — afirma outra pessoa.

— Tem que falar, pô. — repete o primeiro.

— Nós não pode fazer nada. — afirma outro homem.

— Vai se machucar também? — insinua alguém.

Enquanto as pessoas comentavam, indignadas e preocupadas, um policial pressiona o rosto de Genivaldo contra o asfalto e outro força o joelho sobre seu pescoço, impedindo-o de se mexer. Em seguida os policiais o agredem com chutes e logo depois Paulo e William o arrastam com as pernas e mãos amarradas e o colocam no porta-malas da viatura da PRF estacionada a alguns metros de distância. Quando os dois policiais começam a abaixar a porta traseira para fechar, Genivaldo estica as pernas para fora, tentando impedir que seja trancado ali, porém, os policiais começam a pressionar a porta contra elas.

— Encolhe a perna. Encolhe a perna. — manda William.

De longe, alguém alerta: “vai matar o cara”.

De repente, o policial Paulo Nascimento joga uma granada de gás lacrimogêneo no porta-malas, enquanto Genivaldo debate as pernas, lutando contra a pressão que os dois outros agentes faziam para que ele não saísse dali.

Porém, William continua empurrando as pernas dele para dentro. É nesse momento que uma densa fumaça começa a sair desse compartimento onde Genivaldo está.

— Encolhe a perna. — manda um dos policiais.

A nuvem de gás começa a cobrir todo o carro e se ouvem os gritos de Genivaldo, submetido agora a inalação direta dos gases tóxicos lançados sobre ele. Enquanto isso, o terceiro policial, Kleber Nascimento, anda calmamente próximo ao carro, apenas observando. É quando chega a irmã da vítima e dona da moto, Damarise Santos, implorando para levarem o veículo, mas deixarem seu irmão vivo.

— Isso aí é um crime. Ói pra isso, ói. — alerta uma mulher.

— Vai matar ele! — alertam algumas pessoas ao redor. Nesse momento, o gás já envolve toda a viatura, se dissipando devagar, devido ao porta-malas quase fechado.

Genivaldo para de gritar e suas pernas ficam imóveis. Ainda assim, um dos policiais olha pela brecha aberta do compartimento e ordena:

— Encolhe a perna, pô. Encolhe a perna.

Quando a fumaça some, os policiais deixam de pressionar para fechar o bagageiro e, quando Paulo e William levantam a porta para ver como ele está, percebem que está desacordado. Então eles empurram as pernas dele para dentro e fecham o porta-malas. Em seguida, se afastam para pegar a moto e o engate do reboque e, por

fim, colocam a moto em cima da viatura, entram no carro e saem em direção à delegacia da cidade.

Ao estacionarem o veículo em frente ao prédio da Polícia Civil, os dois agentes Paulo e Kleber descem e caminham para a traseira do carro. Ao abrirem o porta-malas percebem que o homem que haviam prendido sem justificativa permanece sem reação. Então fecham novamente a porta traseira, voltam para dentro do carro e saem rumo ao hospital de pequeno porte do município.

11 horas e 41 minutos

O carro da PRF passa por cima da calçada em frente ao Hospital de Pequeno Porte Dr. José Nailson Moura e estaciona na porta da urgência. Os dois agentes que estavam no banco da frente, Paulo Rodolpho Lima Nascimento e Kleber Nascimento Freitas, descem e abrem o porta-malas. Segundos depois, Genivaldo está no chão. Toda a situação começa a despertar a curiosidade e preocupação de todos que estavam próximos, até que um funcionário se aproxima com uma cadeira de rodas e, junto com os dois policiais, levam o homem para dentro do prédio.

Enquanto Paulo empurra a cadeira, um dos trabalhadores do hospital que está na frente segura as duas pernas de Genivaldo, que agora foram amarradas por um lacre de plástico preto, na tentativa de deixá-las retas para impedir que seu corpo caísse. Eles viram à direita e entram na enfermaria, onde Genivaldo receberia os primei-

ros atendimentos, mas logo saem. Paulo vai até o final do corredor, passa por uma grande porta branca e se direciona à sala de atendimento médico. Ao chegar, avisa sobre a situação para a profissional de saúde em pé na porta, enquanto dois homens chegam trazendo Genivaldo, seguidos logo atrás pelo policial Kleber.

Após todos entrarem, um tubo de oxigênio grande e verde é conduzido até o local. Enquanto Genivaldo é socorrido, Paulo resolve sair e Kleber permanece acompanhando os procedimentos. Minutos depois alguns parentes da vítima começam a chegar no hospital. Durante o tempo em que Paulo mexe no celular do lado de fora da sala, uma mulher com blusa de cor azul e segurando um capacete de moto aparece no corredor procurando por alguém. É Maria Fabiana dos Santos, esposa de Genivaldo há 17 anos e mãe de seu filho de 8 anos, que ao tentar entrar na sala é impedida pelo agente, que se posiciona à frente da porta.

— Estamos fazendo nosso trabalho. — informa o PRF.

— Eu espero que meu marido saia vivo daí! Não quero conversa, diz a mulher. Então coloca o capacete no chão e apoia seu braço esquerdo na parede, abaixando a cabeça por um momento, para tentar retomar a respiração. Pouco tempo depois aparece a esposa de um sobrinho de Genivaldo, que também é impedida de entrar. Quase meia hora se passa, até que a porta se abre. Kleber

vai em direção ao seu colega de trabalho e os dois caminham, distanciando-se dali, em direção ao corredor principal da urgência. É quando Fabiana, que estava ao lado da sala, aproveita a distração dos policiais e entra no local. Eles percebem e param para observar. Logo Fabiana sai da sala e grita, olhando para os dois policiais:

— Assassinos! Assassinos!

Mas os dois tornam a caminhar em direção à saída, sem olhar para trás. Fabiana, então, volta para a sala e a médica confirma que seu esposo está morto. Na verdade, de acordo com a médica que fez o atendimento, ele já havia chegado sem vida. Após receber a notícia, a esposa de Genivaldo vai atrás dos dois policiais rodoviários federais e começa a chamá-los de assassinos, enquanto eles andam em direção à rua, sem se intimidar. Chorando, Fabiana entra novamente no hospital e começa a ser amparada por duas funcionárias, que a conduzem para se sentar.

Às 12 horas e 56 minutos, como marca a câmera de segurança do lugar, o corpo de Genivaldo é retirado da sala coberto por um lençol branco. Causa da morte? “Asfixia mecânica causada pela obliteração total das vias aéreas”. Ou, em português simples, sufocamento por alguma ação externa que impede a pessoa de respirar. Mas isso a família só saberia quase quatro meses depois, com a conclusão de três laudos periciais: toxicológico, cadavérico e anatomopatológico.

A narrativa oficial

Na Comunicação de Ocorrência Policial Nº 1510422220525111006, os policiais detalharam o ocorrido da seguinte forma:



No dia 25 de maio de 2022, por volta das 11h10, esta equipe de motopolicciamento tático efetuava policiamento e fiscalização no município de Umbaúba/SE, quando, na altura do Km 180 da BR 101, visualizou uma motocicleta de placa OUP0J89/SE sendo conduzida por um indivíduo sem capacete de segurança, motivo pelo qual procedeu à sua abordagem. Foi dado o comando para que o condutor desembarcasse da moto e levantasse a camisa, como medida de segurança, no entanto a ordem foi desobedecida, levantando o nível de suspeita da equipe. Ato contínuo, determinou-se que o indivíduo colocasse as mãos na cabeça e abrisse as pernas, de modo a possibilitar a busca pessoal, porém esta ordem foi igualmente desobedecida, agravando-se pelo fato de que o abordado a todo momento passava as mãos pela linha da cintura e pelos bolsos. Devido à reiterada desobediência aos comandos legais emanados pelo agente e em função da agitação

do abordado, tornou-se necessário realizar sua contenção, a qual foi excessivamente dificultada pela resistência do indivíduo, que passou a se debater e se opor violentamente contra os policiais, chegando a entrar em vias de fato. Diante disso, a equipe necessitou utilizar técnicas de imobilização, sem êxito, evoluindo para o uso das tecnologias de menor potencial agressivo, com o uso de espargidor de pimenta e gás lacrimogêneo, únicas disponíveis no momento. Decorrido algum tempo, a equipe conseguiu enfim algemá-lo e contê-lo, mas ao tentar colocá-lo no compartimento de presos da viatura, novamente o abordado resistiu, se debateu e deu chutes a esmo, deixando as pernas do lado de fora, sendo necessário mais uma vez uso das tecnologias. Em seguida, a equipe abriu o compartimento para que o indivíduo se acalmasse e cooperasse com a condução, momento em que a contenção das pernas se tornou possível. Nesse momento, o abordado, plenamente consciente, posicionou-se de forma sentada, sendo conduzido para a delegacia. Imediatamente, a equipe seguiu para a delegacia de Polícia Civil da cidade e, durante o trajeto, o conduzido começou a passar mal, sendo socorrido prontamente. A equipe seguiu rapidamente para

o hospital local, onde foram adotados os procedimentos médicos necessários, porém, possivelmente devido a um mal súbito, a equipe foi informada que o indivíduo veio a óbito. O mesmo foi identificado como Genivaldo de Jesus Santos, 38 anos, CPF .

Por todas as circunstâncias, diante dos delitos de desobediência e resistência, após ter sido empregado legitimamente o uso diferenciado da força, tem-se por ocorrida uma fatalidade, desvinculada da ação policial legítima. Ocorrência encaminhada à polícia judiciária, para fins de registro e providências.



Morte lenta, justiça também

Após dado como morto, o corpo de Genivaldo foi levado ao Instituto Médico Legal (IML) de Aracaju, onde deu entrada por volta das 18 horas e 30 minutos. Em seguida, peritos realizaram necrópsia médico forense, coletando amostras do material biológico e as encaminhando ao Instituto de Análises e Pesquisas Forenses (IAPF), para esclarecer a causa imediata da morte. O corpo foi liberado por volta das 22h30. Preliminarmente, o motivo do falecimento foi asfixia mecânica e insuficiência respiratória aguda, segundo análise confirmada pela Secretaria de

Segurança Pública (SSP), divulgada na manhã do dia seguinte. A partir daí, o que parecia estar claro, com provas concretas e diversas testemunhas, seguiu um ritmo inverso ao da presteza com que três policiais rodoviários federais torturaram e mataram um motoqueiro sem capacete.

Tudo ocorreu de maneira lenta, desde os laudos periciais, necessários para dar continuidade ao processo, até a prisão preventiva de William de Barros Noia, Kleber Nascimento Freitas e Paulo Rodolpho Lima Nascimento. O afastamento dos três policiais rodoviários federais envolvidos na abordagem violenta foi anunciado no dia seguinte. Até mesmo os nomes dos agentes só foram revelados quatro dias depois do ocorrido, em uma reportagem investigativa do programa Fantástico, da Rede Globo, porque a PRF alegou que não divulgaria essa informação para a imprensa.

No dia 30 de maio (cinco dias depois do ocorrido), matérias em diversos veículos de comunicação online começaram a mencionar que as investigações sobre o caso estavam ocorrendo de forma privada.

Por meio da Lei de Acesso à Informação (LAI), o portal Metrôpolises solicitou a PRF “a quantidade, os números dos processos administrativos e o acesso à íntegra dos autos já concluídos envolvendo os cinco agentes [Clenilson José dos Santos, Paulo Rodolpho Lima Nascimento, Adeilton dos Santos Nunes, William de Barros Noia e Kleber Nascimento Freitas] que assinaram o boletim de

ocorrência policial sobre a abordagem”, que respondeu a solicitação no dia 20 de junho e se recusou a informar até a quantidade de processos administrativos envolvendo os policiais, alegando se tratar de um “pedido de informação pessoal” e citou o inciso IV do art. 4º da Lei nº 12.527 da LAI, relativo a “informação pessoal: aquela relacionada à pessoa natural identificada ou identificável”. Esse mesmo texto define que as “informações pessoais” a que se referem o artigo terão seu acesso restrito, o que configura sigilo de até 100 anos.

Após essa decisão da instituição, o procurador Flávio Matias, coordenador do Controle Externo da Atividade Policial em Sergipe, abriu um procedimento para investigar essa classificação de informação pessoal da PRF e apurar se estaria sendo usada como obstáculo para o fornecimento de informações de interesse público.

No dia 29 de junho, a PRF voltou atrás com a resposta e divulgou partes das solicitações feitas pelo Metrôpolises, porém nada na íntegra, justificando estarem em mídia impressa e que para dar acesso a eles seria necessário desarquivar, digitalizar para, somente então, o tratamento das informações e fornecimento da cópia. Foi revelado que existem três processos conclusos e um em andamento envolvendo Kleber Nascimento Freitas, os finalizados são relacionados a suspensão por deixar de renovar os exames da Carteira Nacional de Habilitação; por dano a veículo retido na área do posto PRF e por boletim

de acidente não inserido no sistema BR-Brasil, os ocorridos aconteceram em 2009, 2010 e 2012, respectivamente. Não existem processos concluídos dos demais policiais.

Dada a tamanha repercussão do caso, diversas entidades defensoras de direitos reagiram. A Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado Federal, por exemplo, começou a acompanhar as investigações de perto, agendando visitas a Sergipe nos dias 13 e 14 de junho de 2022, iniciadas com reuniões fechadas com o governador do Estado, representantes da Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, Defensoria Pública, Ministério Público Federal e Ordem dos Advogados do Brasil. No dia seguinte, o encontro seria com o prefeito de Umbaúba e o presidente da Câmara Municipal, além de visitas a familiares da vítima e oitiva de testemunhas. Toda a agenda foi cumprida.

A Seccional Sergipe da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-SE) criou três comissões que também passaram a acompanhar o caso de perto: Comissão de Direitos Humanos, Comissão de Igualdade Racial e a Comissão de Direitos da Pessoa com Deficiência. A CDH do Senado anunciou também o projeto de lei n.º 1388, que prevê pensão vitalícia para a viúva de Genivaldo, Maria Fabiana dos Santos, e pensão especial temporária a seu filho menor de idade, Enzo de Jesus Santos, ambas no valor de R\$ 1.212,00 (mil duzentos e doze reais), equivalente a um salário mínimo em 2022. Além disso, no documento também foi previsto uma indenização por erro do Esta-

do Brasileiro no valor de R\$1.000.000,00 (um milhão de reais). Porém, nenhum pagamento foi realizado até a conclusão desta reportagem.

O andamento do inquérito não foi linear, com várias prorrogações solicitadas desde a sua abertura. O primeiro pedido foi feito pela Polícia Federal (PF), no dia 21 de junho, com a justificativa de que estavam aguardando a apresentação de laudos periciais requisitados ao IML e à Diretoria Técnico-científica da PF, que eram indispensáveis para a finalização da investigação. Já o segundo foi informado à imprensa no dia 29 de julho, pouco mais de um mês após o primeiro, mantendo o mesmo argumento, o que originou a resposta do Ministério Público Federal (MPF), dia 2 de agosto, concedendo mais 20 dias para o prazo final. Mas quando esse dia chegou, a PF pediu mais um adiamento, ainda com a alegação da necessidade do laudo pericial.

Em resposta, o então coordenador-geral do Instituto Médico Legal (IML) informou à imprensa que a instituição não possuía os insumos exigidos para a perícia e que esses haviam sido comprados dois meses antes, mas demoraram a chegar. Os laudos só foram finalizados quase três meses após o assassinato de Genivaldo e divulgados no dia 2 de setembro de 2022, confirmando que a morte foi provocada por asfixia mecânica causada pela obliteração total das vias aéreas. Nos relatórios periciais também consta que ele estava fazendo uso recorrente de

medicamento para esquizofrenia, o que dificulta sustentar a hipótese de que ele estaria em crise quando tudo aconteceu, como havia sido levantado no início.

Os laudos, contudo, não atestaram qual substância foi utilizada e inalada durante a abordagem policial. Apenas em 2 de outubro, uma reportagem para o Fantástico divulgou que na reconstituição do caso, elaborada pela Polícia Federal, foi constatado que com a detonação do gás lacrimogêneo houve liberação e inalação dos seguintes gases tóxicos: monóxido de carbono e ácido sulfídrico, o primeiro em concentração pequena e o outro em concentração bem maior, que, segundo os peritos, pode ter sido motivo de convulsões e a incapacidade de respirar. A perícia também afirmou que esses gases causaram colapso no pulmão da vítima.

Embora o laudo final tenha sido encaminhado à Polícia Federal, que alegava o atraso desses laudos como razão para os sucessivos adiamentos da conclusão do inquérito, nenhum pronunciamento foi feito nos primeiros quinze dias após a ocorrência. Somente quatro meses e um dia depois da morte de Genivaldo, a PF anunciou que concluiu o relatório da investigação e indiciou os três policiais rodoviários federais por abuso de autoridade e homicídio qualificado (asfixia e sem meios de defesa), encaminhando o documento ao MPF, que informou que teria um prazo de quinze dias para análise e para apresentar a denúncia. No entanto, mais quase cinco meses se passa-

ram até que o Ministério Público Federal ajuizou, no dia 10 de outubro, ação criminal contra os policiais envolvidos. Três dias depois, os três agentes da Polícia Rodoviária Federal foram presos, sob a acusação formal dos crimes de abuso de autoridade, tortura e homicídio qualificado, porém, a primeira foi posteriormente retirada do processo. O caso ainda teria muitas idas e vindas, que ultrapassaram o tempo de escrita deste livro.

Após três meses da morte de Genivaldo de Jesus Santos, a família recebeu do Departamento da Polícia Rodoviária Federal quatro multas datadas do dia do ocorrido, referentes a dirigir veículo usando sandália, no valor de R\$130,16 (cento e trinta reais e dezesseis centavos); a conduzir moto sem capacete, no valor de R\$293,47 (duzentos e noventa e três reais e quarenta e sete centavos); a dirigir sem ter CNH, no valor de R\$880,41 (oitocentos e oitenta reais e quarenta e um centavos); e a permitir condução por pessoa sem CNH, no valor de R\$880,41 (oitocentos e oitenta reais e quarenta e um centavos). Total: R\$2.184,45 (dois mil cento e oitenta e quatro reais e quarenta e cinco centavos). As multas vieram a público após matéria exclusiva da TV Atalaia. Ao ser questionada, a PRF informou, por meio de nota, que “tem ciência da aplicação das multas e esclarece que instaurou um processo para aplicação de efeito suspensivo a fim de verificar a regularidade dos referidos autos de infração.”



Foram exatos 11 minutos e 27 segundos inalando aquele gás tóxico e cerca de meia hora de toda a abordagem policial. Quando saiu de casa com a moto da sua irmã, naquela manhã de quinta-feira chuvosa, Genivaldo não imaginava que a sua história ganharia o mundo. As imagens das suas pernas se debatendo para fora de uma viatura oficial, enquanto uma densa fumaça saía do porta-malas, ficaram marcadas nas redes sociais e veículos jornalísticos de várias partes do Brasil e do mundo, menos de Umbaúba, onde as notícias sobre o caso só circularam “na boca o povo” e na voz do prefeito, através do seu Instagram pessoal e o oficial da prefeitura da cidade.

Dezenas de vídeos registraram o assassinato de vários ângulos e os jornalistas não poupou palavras para descrever o ato de crueldade por parte de quem se esperava proteção.

Selección: ESPAÑA

EL PAÍS

INTERNACIONAL

EUROPA EE.UU. MÉXICO AMÉRICA LATINA ORIENTE PRÓXIMO ASIA ÁFRICA ULTIMAS NOTICIAS

VIOLENCIA POLICIAL

Un hombre muere en un coche patrulla en Brasil donde policías le encerraron con gases lacrimógenos

Un testigo grabó con el móvil el salvaje abordaje a la víctima que, según su esposa, padecía esquizofrenia

g1

Homem morre após ser abordado e colocado em porta-malas de viatura da PRF em Sergipe; veículo estava tomado por fumaça

A PRF informou que foi aberto um procedimento disciplinar para averiguar a conduta dos policiais envolvidos.

BRITAIN RIGHTS WATCH

Países Temas Relatórios Vídeo e Fotos Impacto Sobre a HRW

27 maio, 2022 5:21PM EDT

Morte de homem com deficiência psicossocial nas mãos da polícia

Imagens perturbadoras requerem investigação, inclusive de aparente tortura

Brasil de Fato 20 anos

UMA VISÃO POPULAR DO BRASIL E DO MUNDO

INÍCIO > POLÍTICA

MÉTODO NAZISTA

Câmara de gás dentro de viatura da PRF mata homem no litoral do Sergipe; leia repercussão

Policiais rodoviários federais mataram homem de forma brutal, ao fechá-lo dentro de carro com grande quantidade de gás

Redação
Brasil de Fato | Brasília (DF) | 26 de Maio de 2022 às 08:32

Homem morre em “câmara de gás” dentro de viatura da PRF, acusam familiares

Abordagem foi filmada por testemunhas e divulgada em redes sociais; Polícia emitiu nota dizendo que investiga o caso

Forum

POLÍTICA BRASIL DIREITOS ECONOMIA CULTURA GLOBAL SAÚDE RÍMOS OPINÃO VÍDEOS PODCASTS

The Washington Post

World War In Ukraine Afri

FASCISMO
George Floyd e Genivaldo, dois homens negros asfixiados pelo fascismo na mesma data

Os dois casos ocorreram em 25 de maio, com dois anos de diferença; Floyd derrubou Trump; que Genivaldo derrube Bolsonaro

AMERICAS

Police in Brazil gas man to death in trunk of car, video appears to show

By Gabriela Sá Pessoa and Miri
Updated May 27, 2022 at 10:10 a.
May 26, 2022 at 4:31 p.m. EDT



Brasil

Morto em “câmara de gás” da PRF foi abordado por estar sem capacete

Agentes da PRF em Sergipe afirmaram que Genivaldo de Jesus Santos desobedeceu a ordens no momento da abordagem

Leonardo Meireles
27/05/2022 7:29, atualizado 27/05/2022 10:33

A TARDE

ASSINE A TARDE FAÇA CONTA

ASSINE NOTÍCIAS ESPORTES POLÍTICA O CARRASCO EDIÇÃO DIGITAL CARNAVAL 2023 COMERCIAL A TARDE FM ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Sergipe
Homem morre após ser sufocado com gás em viatura da PRF

O momento foi registrado por moradores da cidade de Umbaúba, no litoral sergipano

O “caso Genivaldo”, como ficou tristemente conhecido, foi inevitavelmente comparado por jornais estrangeiros com a morte de George Floyd, ocorrida dois anos antes, também em 25 de maio, em Minneapolis, nos Estados Unidos, dando origem ao movimento de repercussão mundial “Vidas negras importam”. Naquele dia, o policial branco Derek Chauvin ficou ajoelhado no pescoço do homem negro, então com 46 anos, por 9 minutos e 29 segundos. A alegação para a crueldade foi tão torpe quanto a falta de capacete de Genivaldo: o homem negro teria usado uma nota falsificada de 20 dólares em um supermercado local.

Há quem diga que a coincidência entre as duas tragédias serve de alerta para a sociedade iniciar um debate sobre casos de violência policial e possíveis soluções para o problema. Mas quantos Floyds, Genivaldos e balas achadas em pessoas inocentes ainda serão necessários para que as polícias exerçam as funções de defesa e proteção para as quais foram criadas?

** Todos os diálogos e depoimentos sobre o caso foram retirados de registros audiovisuais da população no dia do ocorrido e de matérias jornalísticas relacionadas.*



*Polícia!
Para quem precisa
Polícia!
Para quem precisa
De polícia*

Uma corporação em xeque: polícia e política combinam?

Enquanto as imagens da tortura de Genivaldo circulavam nas redes sociais da população brasileira, a Polícia Rodoviária Federal alegava, por meio de uma nota oficial, que ele havia resistido ativamente à abordagem.

Na data de hoje, 25 de maio de 2022, durante ação policial na BR-101, em Umbaúba-SE, um homem de 38 anos, resistiu ativamente a uma abordagem de uma equipe PRF. Em razão da sua agressividade, foram empregados técnicas de imobilização e instrumentos de menor

potencial ofensivo para sua contenção e o indivíduo foi conduzido à Delegacia de Polícia Civil em Umbaúba.

Durante o deslocamento, o abordado veio a passar mal e socorrido de imediato ao Hospital José Nailson Moura, onde posteriormente foi atendido e constatado o óbito.

A equipe registrou a ocorrência na Polícia Judiciária, que irá apurar o caso. A Polícia Rodoviária Federal em Sergipe lamenta o ocorrido e informa que foi aberto procedimento disciplinar para averiguar a conduta dos policiais envolvidos.

É notável que a nota acima não menciona a aplicação anterior de gases a curta distância sobre o homem, ocultada sob o eufemismo de “instrumentos de menor potencial ofensivo”, também referenciados na mídia como “gases não letais” (embora não seja bem assim, como será visto no próximo capítulo).

Todas as postagens relacionadas ao caso no dia do ocorrido foram excluídas das contas do Instagram e Twitter da PRF oficial de Sergipe e da nacional. No en-

tanto, há uma “nota de esclarecimento” publicada no dia seguinte (26), no Instagram da corporação, informando que a instituição não compactua com as medidas adotadas pelos agentes durante a abordagem. Nesta postagem, a opção de comentar está desativada.

Mais do que um caso de assassinato de um cidadão do interior de Sergipe cometido por uma instituição feita para proteger a sociedade, todo o comportamento policial e o modo de atuação da corporação em relação ao acontecimento pôs em dúvida a formação e o preparo dos agentes da lei em operações de segurança.

• • •

É perceptível que a forma de execução do trabalho policial no Brasil também sofreu influências do Governo Bolsonaro (2019 – 2022), que estimulou o ódio de seus apoiadores em relação aos adversários político-ideológicos e enalteceu os métodos da ditadura militar durante a maior parte da sua gestão. Um dia antes da morte de Genivaldo, por exemplo, o ex-presidente parabenizou em seu Twitter o Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) e a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro pela operação que resultou na morte de ao menos 20 pessoas na Vila Cruzeiro, na Zona Norte da capital.

A imagem da Polícia Rodoviária Federal e de outras forças policiais, já comprometida após a repercussão nacional e internacional do ocorrido em Sergipe, decaiu ao longo do processo eleitoral presidencial de 2022, com as ações de interferência travestidas de fiscalização de transporte de eleitores nas estradas. Durante o segundo turno das votações, a PRF descumpriu uma ordem do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que proibia ações contra ônibus e eleitores no dia, para não atrapalhar a ida às urnas. Desde cedo circularam informações de bloqueios em rodovias do Norte e Nordeste, regiões nas quais o até então candidato à presidência da República Luís Inácio Lula da Silva havia obtido os melhores resultados no primeiro turno. Somente no Nordeste, foram mais de 21 milhões de votos contra aproximadamente 8,7 milhões de Bolsonaro.

Houve registros de blitz irregulares em vários estados durante o dia 30 de outubro, como micro-ônibus com eleitores parado em Laranjeiras (SE) e barreiras instaladas no trânsito no Maranhão; além disso, uma blitz irregular na BR-324, na Bahia, também foi denunciada pelo atual prefeito de Jacobina, Tiago Dias. Toda essa situação traz à tona a questão das ordens dadas pelo ex-ministro da justiça, Anderson Torres, para o diretor da Polícia Federal na Bahia, Márcio Nunes, às vésperas do dia 30 de outubro, visando interferir no fluxo dos eleitores.

Investigações ainda em andamento durante a escrita deste livro apontam que o ex-ministro pressionou para que a PF atuasse como PRF, sob a justificativa de reforçar a operação e impedir que houvesse algum crime eleitoral, como a compra de votos. No entanto, como gestor responsável pelas duas corporações, ele não poderia confundir as atribuições de ambas. A PF é polícia judiciária e tem como uma de suas missões a realização de investigações de crimes julgados pela Justiça Federal. Já a PRF é polícia ostensiva e atua, por exemplo, na fiscalização de rodovias federais, entre outras atribuições.

Desenrolar do 8 de janeiro

A imagem institucional da PRF ganhou cores ainda mais sombrias após os vídeos da tentativa de golpe do dia 8 de janeiro de 2023, na Praça dos Três Poderes, em Brasília. Insatisfeitos com o resultado das urnas, bolsonaristas haviam acampado na frente de quartéis de várias cidades logo após o pleito, pedindo intervenção militar, sob a alegação de que houve fraude eleitoral — argumento refutado pelo Ministério da Defesa no relatório sobre o sistema eleitoral entregue ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Não foram poucas as imagens que circularam exibindo policiais rodoviários apoiando esses manifestantes em estradas.

Uma semana após a posse de Lula na presidência, comemorada por multidões de forma pacífica, a

capital federal foi invadida por ônibus lotados de auto-denominados “patriotas”, vindos majoritariamente de cidades do interior de São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Mato Grosso. Centenas de pessoas que participaram da invasão e depredação das sedes do Executivo, do Congresso Nacional e do TSE estavam acampadas diante do quartel-general em Brasília. As cenas dos manifestantes quebrando vidraças, invadindo os prédios e vandalizando obras de arte e relíquias do patrimônio público foram repetidas à exaustão pela mídia e correram mundo. O dano físico foi estimado em R\$20,7 milhões, mas as perdas culturais e o trauma moral para o país é inestimável.

44

A facilidade com que a multidão invadiu o que se supunha ser um dos locais mais seguros de Brasília levantou a hipótese de conivência das forças policiais com a situação. No dia que antecedeu ao ataque, ao menos 80 ônibus chegaram ao acampamento do Quartel-General do Exército e no domingo a multidão saiu em direção à Esplanada sob escolta da Polícia Militar. Em fotos e vídeos é possível ver policiais facilitando a circulação dos grupos de verde e amarelo, desde a entrada na cidade, em ônibus escoltados pela PM, até a invasão dos prédios, quando PMs do DF aparecem ao lado dos vândalos, conversando e registrando a situação com o celular.

Ao todo foram detidas 1.406 pessoas, sendo 942 prisões em flagrante convertidas em preventiva, e 464 obtiveram liberdade provisória. Vinte dias após essas

ocorrências e atitudes duvidosas de policiais, uma notícia publicada no site do Ministério da Justiça e Segurança Pública parecia tentar amenizar a imagem comprometida da corporação. Junto ao texto, uma imagem mostrava agentes da PRF participando de uma operação de combate ao uso de mão de obra em condições análogas à escravidão, em Minas Gerais. A matéria publicada no dia 28 de janeiro ainda pontua que o número de trabalhadores resgatados em operações da PRF vem aumentando desde 2018: “especialmente em 2021 e 2022, o crescimento superou a casa dos 100% em relação ao ano anterior”, o que remete aos dois últimos anos do Governo Bolsonaro. A essa altura, o governo federal já havia substituído 26 dos 27 superintendentes da PRF nos estados (manteve apenas o do Piauí), contra 18 substituições na Polícia Federal.

45

Mudanças na PRF de Sergipe

Em Sergipe, o novo superintendente da Polícia Rodoviária Federal, Vladimir Cardoso Hilário, tomou posse oficialmente no dia 20 de abril de 2023, embora já estivesse em atividade pelo menos um mês antes. Seu antecessor, David Eduardo Azevedo Euzebio, agora é seu substituto. Sergipano de 44 anos, com formação em Direito pela Universidade Tiradentes (Unit), Hilário exerceu várias funções policiais em um período de vinte anos até chegar a esse cargo, inclusive policial civil. Na PRF, atuou

como docente em cursos de formação para profissional e de novos instrutores e foi chefe da 2ª Delegacia PRF em São Cristóvão (SE). Na visão dele, as pessoas em geral têm apenas um contato com a PRF ao longo de toda a sua vida, e é a imagem desse atendimento que irá “produzir a história [da corporação] para aquela pessoa”. Como uma aplicação do ditado popular “a primeira impressão é a que fica”.

— Não é a PRF que aborda você, é o policial que vai abordar o motorista. Mas ele leva toda a imagem da polícia para ele. Então, se ele estiver estressado e tratar mal o motorista, o motorista vai entender que a PRF é daquele jeito. Porque a PRF é um ente despersonalizado, não é? Não é uma pessoa, é uma instituição, mas que acaba naquele momento personalizado na relação entre o policial e o motorista, o pedestre e o passageiro. — observa o superintendente.

Para ele, a morte de Genivaldo é “uma tragédia muito grave”, tanto para a vítima e sua família, quanto para os policiais que estão presos e suas famílias. Então, “o que a instituição pode fazer a partir daí é trabalhar para que [a tragédia] não se repita e que não aconteçam novas”, avalia. O superintendente admite que o fato abalou a instituição, principalmente devido ao desgaste que já havia ocorrido oito dias antes, quando dois policiais rodoviários federais foram mortos a tiros por um homem em situação de rua, em Fortaleza, capital do Ceará.

— Eles estavam muito próximos, o andarilho sacou a arma de um deles e acabou matando os dois — relembra Hilário, supondo que talvez esse acontecimento tenha influenciado a abordagem dos agentes na semana seguinte em Sergipe.

— (...) todo dia a gente faz abordagens de andarilhos que estão nas rodovias e a gente sempre tenta acolher. E sempre foi um contato muito próximo e talvez tenha sido isso que ocasionou a morte dos dois colegas lá. (...) Talvez por a gente não enxergar o potencial lesivo que tem uma pessoa em surto psicótico, não é? Eu não sei dizer. Eu não sou médico, não sou psiquiatra, mas talvez tenha influenciado os outros casos, né? Não só o dos colegas em Umbaúba, mas todos os outros casos com a PRF e com as outras polícias.

No caso de Genivaldo, Hilário considera que a culpa não pode ser atribuída ao gestor: “era um momento histórico e infelizmente aconteceu e aconteceu em Sergipe”. Mas conta que depois do ocorrido a instituição passou a se preocupar com a forma que abordava pessoas com alguma deficiência psicológica, pois antes não havia distinção a respeito.

• • •

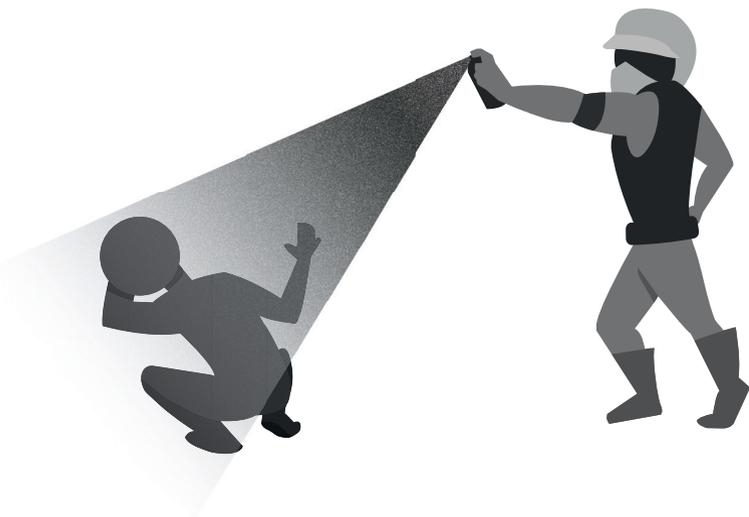
Um dos aspectos que vinha sendo discutido diante desses episódios de violência policial no contexto da PRF era a necessidade de recuperação da matéria de direitos humanos, que havia sido retirada da capacitação anual dos agentes durante a gestão Bolsonaro. Nesse sentido, o superintendente de Sergipe revela que um dos planos da nova gestão está sendo realizar seminários que tratem de questões de direitos humanos. Para isso, a primeira iniciativa foi levar um professor universitário para falar sobre como identificar pessoas com problemas mentais ou em surtos psicóticos, e como deve ser feita a aproximação da polícia nesses casos.

— Nós somos policiais com várias formações. Eu sou formado em Direito, o colega é formado em Química, o outro é formado em Odontologia, em Medicina, em Arquitetura e somos todos policiais. Talvez para quem é médico ou psicólogo seja mais fácil identificar esse tipo de problema. Então a gente vai tentar trazer profissionais da área para que nos ensinem, para que a gente possa tratar melhor.

Segundo Hilário, o projeto visa discutir sobre direitos humanos e sobre pessoas.

— Tem um autor (Ricardo Valestrani) que diz que direitos humanos é coisa de polícia, porque nós somos a parte mais próxima da lei com a sociedade, não é? Então, a gente tem que garantir, aplicar e fomentar os direitos humanos. É muito importante para a formação

do policial conhecer e entender o que são os direitos humanos, que nada mais é do que a proteção de nós mesmos, as garantias que existem na Constituição para que a gente proteja e seja protegido.



54

*Dizem pra você
Obedecer!
Dizem pra você
Responder!
Dizem pra você
Cooperar!
Dizem pra você
Respeitar!*

Ser policial: herói ou bandido?

51

A questão que mais gerou indignação e controvérsia no caso Genivaldo foi o uso do gás de pimenta, enquadrado entre as armas não-letais ou menos-letais, supostamente de “menor poder ofensivo”. Essa categoria de arma é autorizada apenas para quem fez curso específico e tem capacitação para manuseá-la. Em abordagens policiais, elas são vistas como alternativas à arma de fogo visando incapacitar temporariamente uma pessoa, sem causar danos permanentes.

No entanto, a exposição ao gás de pimenta, por exemplo, pode causar intensa reação do organismo humano, como irritação nos olhos — inclusive provocando cegueira temporária —, lacrimejamento, desorientação e irritação nas vias respiratórias, ocasionando falta de

ar e asfixia. Já as reações ao gás lacrimogêneo, mesmo quando usado em pequena quantidade, incluem: intensa irritação sensorial nas áreas expostas, dor nos olhos acompanhada por conjuntivite, blefarospasmo e lacrimação, além de sensação e queima na boca e dor, coceira, corrimento no nariz, constrição no peito acompanhada de tosse, espirros e aumento nas secreções da traqueia e brônquios.

Partindo-se do princípio que a palavra “letal” refere-se a morte ou o que a acarreta, toda arma não seria letal a depender do manuseio? Quando misturados, gases inicialmente taxados como não-letais podem se tornar tóxicos e causar um colapso no pulmão de quem inala, como foi o caso de Genivaldo. Em nota técnica, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública informou que a morte do sergipano “chocou a sociedade brasileira pelo nível de sua brutalidade, expondo o despreparo da instituição em garantir que seus agentes obedecem a procedimentos básicos de abordagem que orientam os trabalhos das forças de segurança no Brasil”.

Em uma reconstituição do fato, elaborada pela Polícia Federal do estado de Sergipe, foi constatado que com a detonação do gás lacrimogêneo houve liberação e inalação dos seguintes gases tóxicos: monóxido de carbono e ácido sulfídrico, o primeiro em concentração pequena e o outro em concentração bem maior, que, segundo os peritos, pode ter sido motivo de convulsões e

a incapacidade de respirar. O segundo, ácido sulfídrico, pode ter causado convulsões e incapacidade de respirar.

Conforme a perícia, o esforço físico e o estresse causados pela abordagem violenta resultaram em uma respiração acelerada de Genivaldo, o que pode ter potencializado ainda mais os efeitos tóxicos dos gases. Foi confirmado também que os policiais rodoviários federais borrifaram de pimenta ao menos cinco vezes bem próximo ao rosto dele.

• • •

Dois dias depois da morte de Genivaldo, começou a circular um registro em vídeo de uma aula ministrada em 2016 pelo policial rodoviário federal e ex-instrutor do AlfaCon Concursos Ronaldo Braga Bandeira Junior, ensinando métodos de tortura durante abordagem policial. Na gravação, ele apresenta como exemplo a situação em que uma pessoa está na parte de trás de uma viatura policial e, ao tentar sair, um agente utiliza borrifador de pimenta.

— Nesse ínterim, ele ainda tentou quebrar o vidro da viatura com chutes, ficou batendo o tempo todo. O que que o policia faz? — indaga ele, abaixando o microfone — Pega o spray de pimenta e [simula borrifar na pessoa e todos riem, inclusive ele]. Foda-se, caralho, é bom para caralho, a pessoa fica mansinha. Aí, daqui a

pouco eu só escutei assim: ‘eu vou morrer, eu vou morrer’, aí eu fiquei com pena, cara. Eu abri assim [o portamalas]: tortura!’ e fechei de novo.

Depois da demonstração, o instrutor afirmou, entre risos dele e da plateia, “sacanagem, fiz isso não”. Ao ser contatado pelo site Ponte Jornalismo, especializado em matérias sobre segurança pública, justiça e direitos humanos, ele alegou que foi um exemplo “fictício” e uma “brincadeira de mau gosto”.

Mais que uma “fatalidade, desvinculada da ação policial legítima” — como alegaram os agentes do caso Genivaldo — ou um “ato isolado” — como disse o ex-ministro da Justiça e Segurança Pública, Anderson Torres, em uma audiência na Câmara —, o número de vítimas de armas não letais registradas no Brasil, entre os anos de 2017 e 2022, foi de 203, das quais 170 pessoas tiveram lesão severa e 33 morreram. Esses dados fazem parte da investigação colaborativa e transfronteiriça liderada pelo Centro Latino-Americano de Investigação Jornalística (CLIP, na sigla em espanhol), em parceria com o portal UOL e mais dez meios de comunicação da América Latina e dos Estados Unidos.

A lei n.º 13.060, de 22 de dezembro de 2014, assinala que os agentes de segurança pública em todo território nacional devem priorizar o uso dos instrumentos de menor potencial ofensivo “desde que o seu uso não coloque em risco a integridade física ou psíquica dos

policiais”. Além disso, devem passar por cursos de formação e capacitação que incluam conteúdo programático que os habilite o uso desses “instrumentos não letais”. No art. 6º da mesma lei, é informado que se o uso da força praticada pelos agentes ocasionar ferimentos em pessoas, deverá ser assegurada imediatamente a prestação de assistência, além do socorro médico e a família deverá ser comunicada.

De acordo com a portaria interministerial n.º 4.226, de 2010, o uso da força por parte desses agentes deverá se pautar nos documentos internacionais de proteção aos direitos humanos, além de obedecer aos princípios da legalidade, necessidade, proporcionalidade, moderação e conveniência.

Truculento ou herói envergonhado?

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), descrito como uma organização sem fins lucrativos, não governamental e apartidária, tem fomentado debates, articulação e cooperação técnica para a segurança pública no Brasil, por meio de dados e conhecimento produzidos pelos especialistas associados. Uma dessas iniciativas foi a pesquisa realizada em 2022, intitulada “Policiais, Democracia e Direitos” recebeu respostas de profissionais de todos os segmentos da segurança pública do país: Polícias Militares, Polícias Civis, Polícias Científicas/Perícias, Guardas Civis Municipais, Corpos

de Bombeiros Militares, Polícia Federal, Polícias Penais e Polícia Rodoviária Federal. O objetivo foi obter dados sobre o posicionamento de profissionais de segurança pública no Brasil a respeito de temas como autoritarismo, democracia, eleições e direitos humanos.

A mostra obteve 5.058 respostas completas para todas as 45 questões temáticas e 11 perguntas sobre o perfil profissional e social. Apesar de não ser considerada uma análise estatisticamente representativa do universo de policiais brasileiros, ela fornece uma visão de como os policiais e demais profissionais da segurança pública “estão dispostos a se posicionar no debate nacional e em qual direção”. Além disso, por incluir perguntas voltadas ao perfil dos policiais, permitiu traçar um padrão sobre os agentes que responderam: 85,6% têm entre 30 e 55 anos e 89,7% estava na corporação há mais de 5 anos; 83,5% foram respostas dadas por homens; 53,6% eram pessoas que se autodeclararam pretos e pardos; 67,9% seguem alguma religião, sendo 44% católicos e 23,9% evangélicos (tradicionalistas e neopentecostais). Em relação a níveis de escolaridade, 34,6% têm ensino superior completo; ao analisar de quais regiões predominam os resultados analisados, Nordeste (29,5%) e Sudeste (29,1%); já em relação a quais instituições policiais são vinculados, a maioria são policiais militares (38,7%), sucessivo de policiais civis (20,5%) e dos guardas municipais (13,4%).

Quanto ao posicionamento perante algumas questões importantes de cunho político e judiciário, 55,6% discordam que, dependendo do caso, seria justificável que os militares “apoiassem ou tomassem o poder por meio de um Golpe de Estado”, enquanto 14,7% concordam ou concordam totalmente. Porém, 84,5% dos respondentes afirmaram que a democracia é preferível a qualquer outro regime de governo. Em relação ao Ministério Público, 3,1% o veem como aliado e 19,2% acreditam que “mais atrapalha do que ajuda o trabalho das polícias”. Ao mesmo tempo, 27,9% consideram que o Poder Judiciário mais atrapalha, contra 26,7% que discordam total ou parcialmente. Contudo, 74,9% julgam que os “direitos humanos serem respeitados é essencial para a democracia”.

• • •

Em outro estudo, intitulado de “Herói-Envergonhado: tensões e contradições no cotidiano do trabalho policial” (2016), o Fórum buscou compreender os significados que os policiais atribuem à sua atividade profissional no Brasil. Foram coletadas 305 respostas, distribuídas entre membros de diversas funções das forças de segurança pública: 185 delegados; 60 investigadores; 21 escrivães; 16 agentes de polícia; cinco carcereiros; e 18 outros dis-

tribuídos em funções mais de apoio técnico, como agentes de telecomunicações; papiloscopista; fotógrafo técnico-pericial; e perito criminal.

Devido a essa variedade numericamente desequilibrada, os resultados não permitem aferir se as funções policiais exercidas têm relação com os sentimentos positivos e negativos em relação ao trabalho. Mas foi possível inferir que para os participantes do estudo os significados de “ser policial” são influenciados pelo contexto sociocultural em que estão inseridos, podendo apresentar características positivas ou negativas.

Segundo a análise, “os entrevistados atribuíram ao trabalho policial o significado de ser herói quando mencionaram que o seu ingresso na força policial foi motivado pelo desejo de “proteger a população”, “combater o crime”, “defender os fracos”, “vontade de consertar o mundo”. Além disso, a vocação também foi citada como motivo para ingressar na carreira, descrita por alguns participantes em enunciados como “garantir o Estado democrático de direito”, “senso de justiça” e “lutar contra o mal”. Significados assim também foram manifestados como resposta ao motivo de permanência na carreira: “Insisto em cumprir o meu papel, que é fazer a diferença na sociedade composta de pessoas e família que são vítimas da violência e que não têm a quem recorrer”.

Porém, o sentimento de vergonha se fez presente quando “expressaram uma percepção de que as leis protegem mais aqueles que as infringem do que aqueles que as obedecem: “o poder de polícia está enfraquecido, a bandidagem cada vez mandando mais, nós reprimidos pela corregedoria que ouve mais a denúncia do ladrão e cada vez mais age em nosso desfavor”.



*Polícia!
Para quem precisa
Polícia!
Para quem precisa
De polícia*

Direitos contra atos desumanos

Entre 2015 e 2020, o número de pessoas mortas por policiais militares e civis no Brasil quase dobrou, segundo levantamento exclusivo feito pelo portal G1, dentro do Monitor da Violência, realizado mediante uma parceria com o Núcleo de Estudos da Violência da USP e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Mesmo com uma ligeira queda em 2021, os dados significam uma média de quase 17 mortes por dia.

No Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022, Sergipe aparece com o segundo maior índice de mortalidade decorrente da atuação policial, entre todos os estados do Brasil, com uma taxa de 9 mortes a cada 100 mil habitantes. De acordo com a presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB Seccional Sergipe,

Lilian Jordeline, a violência policial no estado é um fato preocupante, por ser um problema endêmico, sistêmico e histórico.

Pessoas mortas por policiais nos últimos anos (2015 - 2021)

Ano	Número de pessoas mortas por policiais	% variação
2015	3.330	
2016	4.222	26,8
2017	5.225	23,8
2018	6.160	17,9
2019	6.362	3,3
2020	6.424	1,0
2021	6.133	-4,5

Fonte: Monitor da violência, portal G1
Gráfico: Franciele Oliveira

Na atual gestão da OAB/SE, foram realizadas reuniões com a Secretaria de Segurança Pública (SSP) com o intuito de solicitar a implementação de algumas medidas que a entidade entende como soluções para diminuir os números de casos de violência por parte desses agentes. A principal sugestão foi utilização de mecanismos menos letais e menos invasivos, além da questão do uso das câmeras individualizadas pelos policiais. Segundo especialistas ouvidos pelo G1, o uso desses dispositivos propiciou uma queda no número de mortes por policiais no Brasil no ano de 2021, uma variação de -4,5%, como mostra o gráfico acima.

A adoção de câmeras nos uniformes é um pleito que já foi formalizado junto à SSP de Sergipe, mas ainda aguarda a deliberação da nova gestão do governo, empossada em janeiro.

— Nos estados da federação em que as medidas são adotadas, existe a redução dos índices de violência policial e de mortes nas operações; existe uma maior proteção tanto para a sociedade como também para os próprios policiais envolvidos. Nós só enxergamos pontos positivos na utilização de câmeras pelos policiais. — avalia Lilian Jordeline, da OAB-SE.

Ela também comenta que a temática de violência policial é algo que preocupa o órgão, porque apesar de receber e ser informado de denúncias relacionadas a abordagens violentas, as mesmas são apresentadas como “abordagens que enfrentam a resistência” e que frequentemente resultam na morte das pessoas que estão sendo investigadas.

— Precisamos avançar nessas questões para aprofundar se de fato ocorrem enfrentamentos cujo resultado necessariamente incorre na morte dessas pessoas que estão sendo ali vítimas da abordagem policial. Então, nós precisamos realmente enfrentar essa questão, ter algo que (como dito) atinge muito mais a nossa população mais pobre e a população mais periférica, do que outros segmentos da sociedade que são mais privilegiados em termos de condição econômica. Não vemos

abordagens com esse nível de letalidade em algumas regiões e essa mortalidade sempre é vista nos bairros periféricos, nas favelas, nos lugares mais empobrecidos e a população negra é muito mais vítima dessas abordagens.

Segundo a Pnad — Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE, a população brasileira expandiu com mais pessoas negras e pardas nos últimos anos. Além disso, dados de 2012 a 2021 apontam que o percentual de pessoas autodeclaradas brancas caiu de 46,3% para 43%, enquanto o de pessoas autodeclaradas pretas e pardas subiu de 7,4% para 9,1% e 45,6% para 47%, respectivamente. Trazendo para uma visão mais próxima, no Nordeste, 74,5% dos habitantes são pessoas pretas e pardas.

Mas suspeito tem cor?

Conforme monitoramento do Fórum de Segurança Pública Brasileiro, de 2013 até 2021, 43.171 pessoas foram vítimas de ações de policiais civis ou militares de todo o país. No entanto, os números não incluem os dados de mortes por intervenções de policiais federais e rodoviários federais. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022, no ano de 2021 o perfil das principais vítimas foi: homens (99,2%); jovens de até 29 anos (74%); pessoas negras (84,1%). Como apontado no anuário, “estudos indicam que a raça-cor dos suspeitos constitui fator

importante para determinar se este é percebido como um perigo ou não”. Mas essa não é uma exclusividade do país, como indicam casos como o de George Floyd nos EUA.

O livro “Pesquisas em psicologia, saúde e sociedade” (2023) aponta que muitas variáveis afetam a acuidade dos julgamentos sociais e tomadas de decisão, como preconceitos, estereótipos e estados de humor. “É como se nosso sistema perceptivo trabalhasse num tipo de default [padrão], motivado por uma ‘economia psíquica’, que nos faz, a partir de pistas periféricas, formar impressões complexas sobre os outros” (GRONIER, 2016, apud FARO et. al., 2023).

Analisando os efeitos da cor da pele dos/as suspeitos/as na decisão de tiro em policiais militares brasileiros, verificam que a decisão de atirar é tomada mais rapidamente quando o/a suspeito/a é negro/a que quando ele/a é branco/a, tanto para policiais em início de carreira quanto para aqueles com mais de dez anos de atuação profissional. Na origem desse fenômeno estão as representações sociais construídas pela polícia sobre quem é suspeito/a de ilícitos” (LIMA et al., 2018, apud FARO et. al., 2023).

Conforme a pesquisa, as pessoas muitas vezes não querem ou podem realizar uma avaliação mais aprofundada sobre o outro, como em situações de segurança pública, em que normalmente é necessário agir rápido. No entanto, por ser um “processamento mais econômico das informações”, acaba induzindo em frequentes tomadas imprecisas de decisões, “principalmente em situações limite”. Porém, nesse caso, tomando como exemplo a abordagem policial, uma decisão equivocada pode gerar consequências perigosas ou até permanentes, resultando na morte de um inocente.

• • •

66

Com um papel fiscalizador da preservação dos direitos em geral, a Comissão de Direitos Humanos (CDH) da Ordem dos Advogados de Sergipe (OAB-SE) é descrita como uma espécie de comissão “guarda-chuva” da entidade, por acolher e tratar de todas as questões que envolvem os direitos humanos, como o direito à vida e à liberdade, e normalmente atuar em conjunto com outras comissões. Por exemplo, se for uma demanda relacionada à temática de violação dos direitos vinculados a religião, é necessária a presença da Comissão de Liberdade Religiosa.

Como explica a advogada Lilian Jordeline, atual presidente da CDH da OAB/SE:

— A polícia faz um papel investigativo, o Ministério Público denuncia e o judiciário apura para aplicar a pena. Já a CDH é um observatório da aplicação da justiça e do acompanhamento, para que os casos de violação dos direitos humanos sejam efetivamente apurados e, eventualmente, as responsabilidades, os crimes e a autoria sejam apurados para que essas pessoas sejam punidas. Então, nós temos esse papel fiscalizador.

• • •

Em janeiro de 2022, com a mudança de gestão da OAB em Sergipe, foram empossadas mais de 40 comissões, divididas entre permanentes — previstas no Regulamento Geral do Estatuto da Advocacia e da OAB — e temporárias ou especiais — criadas para a execução de trabalhos plenamente configurados ou para desenvolver estudos e emitir pareceres sobre matérias de interesse da classe. Algumas das comissões permanentes presentes no regimento são: Comissão de Direitos Humanos, Comissão de Defesa e Assistência e Comissão de Seleção e Prerrogativas. Os participantes desses órgãos exercem suas funções sem qualquer forma de remuneração.

As comissões possuem o trabalho voltado para uma temática específica, ou seja, as problemáticas são direcionadas conforme o teor do que foi denunciado. As denúncias, por sua vez, são encaminhadas através do

67

protocolo físico ou por meio de canais de comunicação abertos na instituição, como o e-mail e o número de telefone, usado para fazer o agendamento do atendimento presencial. Há também a opção de encaminhar a denúncia de forma anônima. Depois do recebimento da queixa, o procedimento padrão é verificar preliminarmente qual a medida a ser adotada, nomeando um relator para aquele caso.

Apesar de atuarem no caso, as comissões da OAB não podem interferir nas investigações, apenas acompanhar, cobrar posicionamento das autoridades competentes e garantir o devido processo legal. Esse procedimento de acompanhamento é levado até a finalização, ou seja, até o resultado pretendido, através da fiscalização das medidas adotadas pelos órgãos responsáveis pela solução da questão.

No Caso Genivaldo, foram acionadas três delas. A primeira foi Comissão de Direitos Humanos, por se tratar de uma violação específica; a segunda foi a Comissão de Igualdade Racial, por ter sido identificado um viés étnico-racial na ação policial, visto que se trata de uma pessoa negra e pobre, que foi submetida a tortura. E por último, a Comissão de Direitos da Pessoa com Deficiência, devido ao fato dele ser uma pessoa com esquizofrenia. As três comissões envolvidas no acompanhamento ficaram sabendo do ocorrido mediante denúncias veiculadas nas redes sociais.

— Logo que tomamos conhecimento desse fato, providenciamos a imediata formação de um grupo composto por membros da Comissão de Direitos Humanos e das outras comissões correlatas e nos dirigimos imediatamente para a cidade de Umbaúba, que foi onde aconteceu o fato, para que acompanhássemos [o caso] de perto, ali junto aos familiares, junto às testemunhas. — conta Jordeline.

A atuação começou um dia após o ocorrido, no dia do funeral, quando a pista já estava bloqueada por pessoas que queimavam pneus como forma de protesto ao que havia acontecido. Com os familiares de Genivaldo já estando desde o início acompanhados por advogados particulares, o papel das comissões foi dar suporte e acompanhar as providências para que pudesse dar essa satisfação para a sociedade diante da gravidade do crime.

Após o acompanhamento do enterro, a CDH foi colocada à disposição dos familiares para o acompanhamento do caso. A par dessa ação presencial, houve também a articulação por parte da presidência da OAB/SE, Danniel Alves Costa, juntamente com o Conselho Federal da OAB e a Comissão Nacional de Direitos Humanos, devida a tamanha repercussão do caso. Outra decisão tomada foi a formação de um comitê para debater quais medidas seriam tomadas e, nessa circunstância, houve deliberação para fazerem uma visita oficial aos dirigentes da Polícia Rodoviária Federal e a Polícia

Federal, para o acompanhamento da apuração das responsabilidades dos profissionais envolvidos.

Após a deliberação, as medidas preliminares ocorridas foram: reunião na Polícia Rodoviária Federal, na Polícia Federal e visita ao Ministério Público Federal — que estava na condição de assistente de acusação —, para protocolar com ele o encaminhamento do pedido de prisão temporária e entrar em diligência com os Procuradores responsáveis pela comissão do caso.

Inicialmente, na reunião junto à PRF e na presença de alguns conselhos federais, foi exposto o que estava acontecendo e quais medidas seriam necessárias tomar a partir disso. As comissões, por sua vez, apresentaram um documento com sugestões de como prosseguir e quais condutas assumir a partir desse momento — como o afastamento dos agentes envolvidos e que as averiguações não fossem conduzidas por pessoas do estado ou que tivessem alguma ligação com os policiais, para não haver influência na condução do processo. No entanto, várias dessas soluções já estavam sendo cumpridas pela PRF. Também foi solicitado que houvesse revisão no curso de treinamento desses profissionais da segurança.

A CDH, em seu papel de defesa dos direitos humanos, junto com as outras duas comissões, questionou o motivo da retirada da disciplina de direitos humanos da grade de ensino e a PRF, por sua vez, alegou que não houve retirada, mas sim uma redistribuição, que ela

passou a ser uma matéria transversal — o que significa que estava presente em outras disciplinas, não havendo assim necessidade de ser trabalhada individualmente. Além disso, houve também o questionamento de se esses agentes tinham atualizações dessas aulas ou se só a viam uma vez durante toda a sua carreira. A presidente da Comissão de Direito de Pessoas com Deficiência, Sheila Christine de Souza, solicitou também que houvesse um curso de antirracismo e anticapacitismo dentro da instituição.

- Talvez, se tivessem tido acesso a essa questão do anticapacitismo, eles não teriam tratado Genivaldo como trataram. (...) Se eles tivessem essa atenção naquele momento, essa formação, talvez não tivesse acontecido o que aconteceu. — afirmou o presidente da Comissão de Igualdade Racial, Carlos Zuzarte.

O advogado relatou que durante a reunião, que serviu como gabinete de crise, todos os servidores estavam cansados da situação, porque “é como se todos eles tivessem sido rotulados como racistas, como assassinos”. Também lembrou do assassinato de dois policiais rodoviários federais ocorrido dias antes, no Ceará, que gerou especulações de que o caso Genivaldo havia sido um ato de vingança.

— Tentam ligar [um caso ao outro], mas foram erros de abordagens aqui e erros de abordagens lá. Fatos isolados que ocorreram próximos. — observou Zuzarte.

Apesar de toda a comoção que o assassinato de Genivaldo gerou na população brasileira, algumas pessoas olharam a situação por outro viés.

— Eu ouvi muitas pessoas falando assim: ‘meu Deus, vamos perder a farda’; ‘meu Deus, e agora essas famílias desses policiais?’. E aí cada vez mais Genivaldo colocado de escanteio. A vida de uma pessoa preta colocada em relativização. Porque muito embora a gente saiba que eles erraram, mas muita gente ainda pensa no perdão, na piedade de quem não teve piedade com a vida.

• • •

72 Quando questionada sobre a necessidade e a importância de treinamento específico para policiais saberem lidar com pessoas deficientes, a presidente da Comissão de Direito de Pessoas com Deficiência afirma que servirá para identificar que uma pessoa com alguma deficiência psicológica, assim como desmistificar que nem todo autista, por exemplo, é uma pessoa que terá um comportamento agressivo.

— A gente precisa aprender, enquanto sociedade, que as pessoas com deficiências são indivíduos e assim possuem suas próprias características.

De acordo com Sheila Christine de Souza, as pessoas, enquanto sociedade — especificamente a Polícia Rodoviária Federal, a Polícia Civil e a Polícia Federal

— qualquer órgão garantidor, precisam saber lidar com todos os tipos de situação, senão todos, pelo menos a maioria daquilo que pode ser previsto.

— A partir do momento em que as pessoas estão dizendo “ele está com medicamento”; “ele está indo buscar”; “ele faz uso de medicamento controlado”; “ele está com a receita no bolso”, já era um indício para a polícia modificar a sua abordagem. Porque [o policial] não vai adivinhar que aquela pessoa que está abordando é uma pessoa com deficiência. Mas houve indícios. Ventilou-se a suspeita, não é? A ideia, a sugestão de que era uma pessoa com deficiência, e a partir daí a polícia poderia (e deveria) ter modificado a sua abordagem. Porque quanto mais eles pressionavam o seu Genivaldo, mais agitado ele ficava, por conta do transtorno que ele tinha. Porque ele era uma pessoa que trabalhava, que tinha endereço fixo, e nada disso foi considerado.

73



*Dizem que ela existe
Pra proteger!
Eu sei que ela pode
Te parar!
Eu sei que ela pode
Te prender!*

Quem protege quem? Percepções da violência urbana

O que você sente quando vê uma cena de truculência policial? Faz diferença se é um policial civil, militar, federal, rodoviário federal ou guarda-municipal? Como as notícias envolvendo violência policial afetam a sua visão sobre essas instituições e o seu comportamento diante de certas situações? Para apreender essas percepções, um formulário contendo somente duas perguntas foi publicado, sendo elas: Você já vivenciou ou presenciou alguma situação de truculência policial? Em caso positivo, por favor, relate resumidamente o que ocorreu; Caso não tenha tido tal experiência, pense e descreva como se sentiria caso fosse abordado(a) na rua por um(a) policial. Teria diferença se fosse PM, civil, guarda-municipal, PF ou PRF? Por quê?

O questionário ficou aberto do dia 23 de março ao dia 25 de abril, com intuito alcançar como público alvo jovens e adultos 18 – 30 anos, independente da classe social e grau de escolaridade e teve sua divulgação feita através do Instagram, Twitter, e-mails acadêmicos da Universidade Federal de Sergipe e em um boletim de notícias eletrônico do Departamento de Administração Acadêmica (DAA) da instituição. O resultado obtido foi de 120 respostas anônimas, sendo o respondente identificado pela sigla RF (respondente do formulário) seguida do número sequencial.

• • •

76

Quando questionado se já vivenciou ou presenciou alguma situação de truculência policial, a maioria das respostas foi “sim”, seguido de relatos como:

“Sim. Estava a caminho do meu trabalho bem cedo pela manhã, pois era responsável por abrir a empresa. Um carro da choque [do Batalhão de Choque] me parou, só que na abordagem um dos policiais falou: “Parada, se não vou atirar”. Sendo que eu não tinha nem reagido à abordagem, eles aproveitaram que a movimentação da rua estava pouca por conta do horário e me intimidaram bastante.” (RF56)

“Sim. Já fui abordado (revistado) com força desproporcional, levei broncas e xingamentos e até tapas na cabeça, tudo isso sem motivo específico.” (RF17)

“Sim, e vários! No pior deles, um PM atirou na minha direção e me levou para a delegacia porque contestei um espancamento que a guarnição promovia contra pessoa já algemada pelos pés e mãos.” (RF31)

“Sim, um policial bateu um rapaz só por ele ter perguntado qual o motivo da abordagem.” (RF106)

“Sim. Agredido fisicamente na BR-235 por policiais militares na volta da universidade federal de Itabaiana, além de a todo momento ser apontado o armamento para a cabeça e deixado como simples lixo jogado com as mãos para cima, essa é apenas uma das tantas.” (RF119)

77

Um professor universitário relatou já ter sido ameaçado por um policial em sala de aula:

“Sim. Eu estava trabalhando como professor em uma universidade/faculdade. Um dos meus alunos era policial federal (houve concursos que aceitaram pessoas sem diploma de nível superior). Em um dia, o aluno/polícia virou a noite em uma ocorrência (segundo relataram alunos em momento posterior ao ocorrido) e no dia seguinte o aluno/policial realizou uma prova comigo. Ele, por cansaço, não percebeu que a prova tinha frente e verso e deixou a segunda folha em branco. Na outra semana o mesmo estudante/policial, diante de toda a turma, veio me ame-

açar. Passou a me ameaçar em todas as aulas e na frente dos estudantes, abertamente. Busquei informações com alunos da turma e todos me relataram que o aluno/policial já havia ameaçado outros alunos, tinha disparado uma arma de fogo próximo ao ouvido de outro estudante e que também agredia sua esposa com quem havia acabado de se casar. Passei então a temer por minha vida, pois você não tem a quem recorrer quando o bandido está usando roupa da PRF.” (RF57)

Além de existirem experiências de abordagens violentas nas ruas em dias normais, a cena se repete até em festas:

78 *“Na festa do Mastro em Capela, estava com minha amiga e ela simplesmente foi passar perto do carro da PM, do nada uma policial que estava na traseira do carro a agrediu com o cassetete. A pancada iria ser toda no tórax, mas a minha amiga teve o reflexo de colocar o braço para se defender, caso contrário o dano iria ser maior.” (RF3)*

“Eu estava no Rasgadinho [bloco de carnaval] e os policiais saíram batendo nos homens que estavam parados sem fazer absolutamente nada. Outra vez também vi uma abordagem que quatro policiais que pararam na casa de um jovem que estava acompanhado por um amigo e nessa abordagem os policiais pediram para eles irem para uma esquina (que era do lado da minha casa) e pediram para eles abrirem o celular. Só que um dos homens que estava

sendo abordado falou que era filho de tal pessoa, que também era policial, e os policiais (GETAM) pediram desculpa. Isso foi em Socorro, no João Alves, este ano [2023].” (RF43)

“Já presenciei em várias festas organizadas por prefeituras, quando percebe-se um foco de briga/confusão, os policiais (militares ou GM) empurram as pessoas que não tem nada a ver com o ocorrido.” (RF63)

“Sim, nas calouradas que ocorriam antes da pandemia em frente à UFS, policiais chegavam agredindo com balas de borracha consumidores e comerciantes, além de destruir o patrimônio destes como cadeiras, mesas, etc.” (RF66)

Foram poucos, dentre tantos resultados da pesquisa, em que a pessoa disse que foi abordada de forma pacífica:

79 *“Não. Já vi várias abordagens e já fui abordado algumas vezes. Nunca houve nenhuma truculência. Os policiais sempre foram educados com as palavras. Mas, às vezes, firmes com o tom, dependendo da situação em que foram recebidos pelos suspeitos.” (RF109)*

“Como costume andar sempre certo, todas as vezes em que fui abordado sempre foram respeitosos comigo, fui abordado por PM e PRF.” (RF69)

“Já fui abordada algumas vezes e não me incomodou, pois de forma geral eles são educados e executam o procedimento padrão. Nunca presenciei nem comigo, nem com outras pessoas. Entretanto, se houvesse alguma espécie de truculência policial, eu me sentiria mal e revoltada, mas me portaria de forma respeitosa, gravaria seu nome em minha mente e tomaria as devidas providências para que ele fosse penalizado pelas autoridades competentes.” (RF64)

“Já fui abordado pela PM em blitz e em deslocamento de moto. Ser abordado, não implica em situação de truculência. Não foi constrangedor. Em ambas as situações os policiais foram bastante educados e saí com sensação de estar mais seguro. Se pareci suspeito, a abordagem serviu para garantir aos policiais o contrário.” (RF85)

Apesar de a maioria dizer que não houve motivo para serem parados, alguns alegaram terem presenciado e vivenciado abordagens onde o causa foi a cor de pele:

“Sim, por zero motivo já fui parado inúmeras vezes por policiais de forma agressiva, apenas por ser caracterizado como um jovem negro.” (RF24)

“Sim, já estive com meu pai, à noite, num ponto de ônibus esperando a minha mãe voltar do trabalho e fomos abordados por policiais, ele foi tratado de forma muito violenta e desnecessária, visto que não havia nenhuma atitude

ou atividade suspeita no local. Esse tipo de situação já aconteceu algumas vezes com ele, creio eu que, por ser um homem negro de pele retinta.” (RF32)

“Já aconteceu de estar em um ônibus e a polícia selecionar as pessoas para descer — só pretos. A abordagem completamente agressiva.” (RF22)

“Sim, de racismo. Pelo fato da pessoa ser abordada porque achavam que era ladrão, por ser preto.” (RF28)

Em complemento a isso, algumas pessoas admitiram serem favorecidas por esse fato:

“(…) não teria tanto medo, pois sei que a abordagem com pessoas brancas é diferente, então o medo da violência não passaria pela minha cabeça. Sim, em minha visão e histórias de parentes e amigos, vejo a PM como uma unidade mais violenta e preconceituosa do que as demais.” (RF25)

“Já fui revistada duas vezes, um de cada, PM e Guarda Municipal, tudo ocorreu com tranquilidade, mas sou mulher dita branca, tenho amigos negros que, mesmo inocentes, são agredidos só por serem negros, já sofreram algum abuso no momento de abordagem, foi com PM, Civil e Guarda-Municipal.” (RF37)

“Eu, como mulher branca, sei que as incidências são muito menores de acontecer, diferentemente da minha esposa, que é uma mulher negra. Por vezes ela já me relatou ter sido parada por guarda municipal, GETAM, com perguntas do tipo “essa moto é sua mesmo?”. Para mim não há muita diferença entre PM, PF, etc. O nome muda, mas a instrumentalização das atitudes é igual ou muito parecida e obviamente muito bem endereçada.” (RF66)

Nos casos em que não foram ou não presenciaram uma abordagem — sendo ela agressiva ou não —, alguns comentaram como se sentiriam se isso acontecesse e se haveria diferença no sentimento, a depender de qual instituição fosse o(a) agente:

82 “Eu me sentiria muito mal, porque sou uma pessoa negra e não gostaria de ser abordada por policiais, considerando que apenas vivo minha vida de forma tranquila. Não gosto da presença ameaçadora de policiais e o histórico de racismo que eles possuem.” (RF43)

“Não. Mas vivo em uma localidade que mesmo não fazendo nada de errado fui ensinada a ter um certo medo de policiais, principalmente os que vivem na ação (digo no sentido que umas categorias já chegam para resolver problemas sérios) e caso alguém estiver por perto apanha junto.” (RF37)

“Teria medo! Policiais no geral não me agradam pela

questão de abuso de poder. Como uma mulher, e tendo total noção de que não fiz nada errado, uma súbita abordagem policial (de qualquer um que seja) me daria imediatamente o pensamento de retração, pensaria em uma tentativa de assédio ou algo do tipo. Caso fosse apenas uma checagem de documentos, então eu faria tudo o mais rápido possível para seguir em frente.” (RF6)

83 “Caso eu fosse abordada por um policial, independente de qual fosse, por mais que eu não tivesse cometido nenhum crime, lá no fundo sentiria medo, pois sei que caso eu fizesse algo que o desagradasse, por exemplo: por conta do nervosismo, medo, etc., poderia reagir mal a abordagem e eles usarem suas forças e “autoridade” contra minha pessoa, dar essa impressão que eles não ouvem, mas só agem.” (RF9)

“Me sentiria muito desconfortável. Se fosse PRF então... pois um ocorrido aqui na minha cidade me deixou traumatizada ao ver um inocente ser destrutado e morto por policiais.” (RF10)

“Me sentiria muito injustiçado, humilhado e impotente. Acho que não haveria diferença o órgão a que o agente de segurança pública é vinculado, isso faria eu me sentir muito mal.” (RF44)

Alguns que informaram nunca terem sido abordados ou presenciado uma abordagem disseram que se sentiriam bem ao serem parados por policiais:

“Me sentiria protegido por saber que a polícia está fazendo seu papel de coibir, muita das vezes, apenas com sua presença ostensiva, potenciais crimes. Não haveria diferença alguma em relação ao tipo de Polícia, são todos profissionais e em sua maioria são pessoas de bem. Não é porque alguns poucos são péssimos que devo demonizar os demais, ou temê-los.” (RF35)

“Penso que não ficaria constrangida, pois a polícia tem todo direito de abordar qualquer cidadão, afinal é dever do Estado garantir a segurança pública. Quem não deve não teme e sendo uma abordagem respeitosa e sem violência não tem motivos para resistir à abordagem policial.” (RF60)

“Eu me sinto e me sentiria seguro e agradecido por ser abordado, pois isso mostra de forma efetiva que a polícia está fazendo o seu trabalho.” (RF109)

“Sentiria-me tranquilo, pois sei que agentes de segurança estão fazendo a minha segurança e das demais pessoas. Não faria a mínima diferença qual polícia fosse. Obedeceria a todos os comandos deles e depois iria para meu destino sem mais problemas.” (RF71)

“Me sentiria seguro, mostraria que a polícia está presente e atuante, promovendo a segurança de todos.” (RF83)

“Ficaria grata por saber que estão desempenhando sua função. Não está escrito na testa de ninguém se é bandido ou mocinho. Apenas com a abordagem o policial tem condições de avaliar.” (RF88)

Já outros afirmaram que o seu sentimento de medo dependeria da situação:

“Não sei dizer como me sentiria, como mulher, caso fosse uma policial abordando acho que me sentiria tranquila, todavia, não iria me sentir confortável caso fosse um policial. Não sei se teria alguma diferença entre os tipos.” (RF12)

“Depende da situação. Me sentiria constrangida, por ser abordada, sem nenhum motivo. Na maioria das vezes injustiça acontece com pessoas por ter características da cor da pele, corte de cabelo, tatuagem e estilo de roupa, etc.” (RF49)

“Dependendo da situação e da forma como seria abordada, eu me sentiria constrangida. Sabemos que ainda existe muito preconceito com relação à cor e até mesmo com a maneira de se vestir. Ainda há muito pré-julgamento. Nunca presenciei, mas frequentemente vejo vídeos na internet sobre casos desse tipo. Pessoas que são abordadas de maneira grotesca, desrespeitosa, simplesmente porque os policiais as acharam suspeitas.” (RF11)

POSFÁCIO

Como na PRF de Umbaúba, “todo camburão tem um pouco de navio negreiro”.

Cobrir a morte de Genivaldo, sufocado em uma câmara de gás improvisada por policiais rodoviários federais no interior de Sergipe, foi um exercício de contenção de revolta e dor. Em 20 anos de profissão, já vi muitos roteiros, mas nada parecido com aquilo que viria a ocorrer em Umbaúba.

Eram 11 horas da manhã do 25 de maio de 2022, quando Genivaldo foi abordado por seus carrascos. Não imaginava que, embora não tivesse feito nada, seria condenado à morte fria e cruel na mala de uma viatura policial. Lembro bem que, a cada fato novo apavorante que surgia, menos se conseguia entender o que se passou na cabeça de quem executou uma tortura em plena BR 101, a mais importante rodovia que corta o Brasil de norte a sul.

Os policiais usaram um gás que só se utiliza em lugar aberto, que nunca foi feito para ser usado como para inalação ou em uma câmara de gás improvisada. Mesmo assim, Genivaldo foi trancafiado, sem defesa e sem se mexer.

O livro da jornalista Franciele Oliveira, natural de Umbaúba, revela os detalhes assombrosos dos fatos que desenrolaram. Do diálogo de uma abordagem sem qualquer sentido técnico, ao desfecho após sufocamento em uma unidade de saúde.

Todos que ali passavam pararam para acompa-

nhar e assistir, incrédulos, à morte de um homem que nada fez. Nada fizeram (podiam?).

Era o Estado, que deveria o protegê-lo, que foi assassino. Essa contradição é uma mácula que mancha as nossas corporações — e os números de assassinatos por policiais no país estão nesta obra para você sentir o drama.

Genivaldo era mais um entre tantos que usava moto pelo interior do país sem capacete; como tantas vezes fez o então presidente Jair Bolsonaro. A diferença é que, enquanto um teve escolta e fotos felizes de policiais, outros se tornam alvo de criminosos que ainda vestem fardas das corporações.

Genivaldo era negro, condição que parece (para certos policiais) ser uma tatuagem de bandido na testa. E bandido bom...

Mais de um século após o fim da escravidão, todo camburão segue sendo um pouco de navio negreiro, como diz o Rappa em canção certa dos anos 1990. A bala perdida teima em achar um corpo negro em seu caminho.

Uma coisa que chama a atenção também, citada no livro, são as explicações oficiais que foram dadas após o crime. Sempre na ótica de reação a um “risco” que policiais alegavam sofrer. Mentirosos, tão quanto foram cruéis e assassinos.

Como foi explicado nesse relato detalhado, nada justifica a ação. Nada, nenhuma palavra! Não há qualquer técnica que aponte para uma ação como aquela.

O caso, ressalte-se, só ganhou o mundo porque foi filmado e publicado nas redes. Na era da informação, o celular se transformou em uma poderosa prova do uso da força para o mal. Esse conseguiu cumprir bem esse papel.

Todos nós perdemos o fôlego vendo as imagens. Deixamos um suspiro de dor pela barbárie. Sentimos a angústia dele pedindo socorro, balançando as pernas e implorando o perdão por algo que não fez.

Do povo da cidade, que se rebelou e foi às ruas no dia seguinte ao assassinato, aos familiares que sofreram pela morte em vão, tudo é dor nessa tragédia perpetrada pelo estado brasileiro opressor. E que esse relato que segue não só envergonhe, como ajude a fazer que todos paguem pela barbárie.

Que a punição ocorra o nome de todos os sufocados em camburões por policiais — militares ou não —, mas como não tiveram câmeras por perto, seguem em esquadrões da morte pelas favelas e ruas de bairros pobres pelo país. E assim seguem os camburões atrás do espírito negreiro.

Carlos Madeiro

Jornalista pernambucano radicado em Maceió, colunista do portal UOL

AGRADECIMENTOS

Costumo pensar que nada na vida é por acaso.

Olhando para esses últimos quatro anos que passaram, desde o momento em que vi meu nome na lista de aprovados na Universidade Federal de Sergipe até o final do curso que tanto sonhei, posso dizer que tenho uma lista de coisas e pessoas as quais sou imensamente grata.

Primeiramente, agradeço a Deus por me permitir vivenciar tudo isso.

À pessoa de quem herdei tanta coragem, a minha mãe Rosineide. Por nunca duvidar de mim e que me dava forças sempre que eu estava cansada e desanimada por estar tanto tempo longe de casa. Obrigada, por ser minha família; por cumprir seu papel de mãe e muitas vezes até de pai; por ter tanta força; por fazer tudo que estava ao seu alcance para me ajudar a realizar meu sonho e por nunca duvidar que eu conseguiria. Essa conquista é nossa!

Aos amigos que sonharam comigo antes mesmo de eu saber o resultado do Sisú: Daniela, Thalya, Linnda, Letícia, Lucas, Mateus, Mariana, Beatriz e Edson. Que ouviram sobre meus medos, inseguranças, metas e torceram por mim. Torço muito por cada um de vocês!

À amiga que o Instagram me apresentou, Thayná. Por compartilhar seu amor por BTS comigo. Conhecer a história e a música deles me ajudou a sonhar mais alto.

Às minhas duas tias do coração: Josilene e Everilde,

que comemoraram comigo várias conquistas.

Às pessoas que tive o prazer de dividir essa jornada: João, Viviane, Lorena e Alda. Juntos tivemos ideias de pautas, fizemos chamadas de vídeo até tarde para terminar os trabalhos, demos risadas, conselhos e nos dedicamos em tornar-nos bons jornalistas. Vocês tornaram a caminhada até aqui mais leve.

Aos amigos e amigas que o projeto Serbaja me proporcionou, em especial à: Maryana, Mateus Ferreira, Milena e Thâmara. Trabalhar com marketing ao lado de vocês foi muito divertido!

À minha orientadora, Sonia Aguiar, que mesmo sem saber, em uma das aulas no 4º período, me inspirou a escolher o livro-reportagem como produto de Trabalho de Conclusão de Curso. Obrigada por acreditar na minha ideia, por compartilhar seus conhecimentos comigo e por toda a paciência. Com certeza, escolhê-la como orientadora foi uma das melhores decisões que tomei durante a graduação.

Às pessoas que me orientaram no processo de diagramação de todo o livro: Germana e Maryana. Não sei o que seria de mim sem a ajuda de vocês.

Às pessoas que a TV UFS me apresentou: Jefferson, Caio, Welson, Osmar, Bruno, Eduardo. Obrigada por me acolherem, pelas risadas, conselhos e por confiarem no meu potencial. Se hoje sou apaixonada pelo telejornalismo, é devido a vocês e ao trabalho maravilhoso que fazem.

Aos professores que me incentivaram a buscar o meu melhor.

Também não poderia deixar de agradecer as pessoas que passaram pela minha vida acadêmica, mesmo que por um instante.

À ilustradora Yasmin, por aceitar fazer as ilustrações das páginas internas do livro em um prazo muito curto. Obrigada por entender minha situação.

À minha terapeuta, Joelma, que me ajudou a perceber que tudo é possível e que sou maior que meus medos.

Por último, mas não menos importante, agradeço a mim mesma, por nunca cogitar desistir de nada disso.

REFERÊNCIAS

AÇÕES da PRF geram dúvidas sobre preparação em direitos humanos. Disponível em: <<https://journal48.com/conflitos-refugiados-e-migrantes/acoes-prf-duvidas-preparacao-direitos-humanos/>>. Acesso em: 15 março. 2023.

AGÊNCIA SENADO. CDH acompanha investigações da morte de Genivaldo Santos em Sergipe. Senado Notícias, 13 jun. 2022. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/13/cdh-acompanha-investigacoes-da-morte-de-genivaldo-santos-em-sergipe>>. Acesso em: 11 set. 2022.

ASCOM. Em solenidade, OAB Sergipe empossa novos membros de Comissões Temáticas. Disponível em: <<https://oabsergipe.org.br/blog/2023/03/29/em-solenidade-oab-sergipe-empossa-novos-membros-de-comissoes-tematicas/>>. Acesso em: 7 abril. 2023.

BRAMBILA, Bárbara; TORTELLA, Tiago. Policiais acusados de envolvimento na morte de Genivaldo Santos são presos em SE: Três agentes deram entrada no Presídio Militar de Aracaju nesta sexta-feira (14); Santos morreu após abordagem em junho, preso em um porta-malas com dispositivo de fumaça. CNN Brasil, São Paulo, 14 out. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/policiais-acusados-de-envolvimento-na-morte-de-genivaldo-santos-sao-presos-em-se/#:~:text=>>>. Acesso em: 26 out. 2022.

BRASIL. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/05-anuario-2022-letalidade-policial-cai-mas-mortalidade-de-negros-se-acentua-em-2021.pdf>>. Acesso em: 26 abril 2023.

BRASIL. Senado. Projeto de Lei n. 1388. Diário Judicial Eletrônico, ano 2022. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/153312>>. Acesso em: 7 out. 2022.

CAMAZANO, Priscila. Entenda os ataques golpistas de 8 de janeiro e seus desdobramentos. Folha de São Paulo, 7 fev. 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/02/entenda-os-ataques-golpistas-de-8-de-janeiro-e-seus-desdobramentos.shtml>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

CARREGOSA, Lais; MENDES, Lucas. 26 Estados tiveram estradas interditadas contra eleição de Lula. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/12-estados-tiveram-estradas-bloqueadas-con>>

tra-eleicao-de-lula/>. Acesso em: 4 março. 2023.

CASO Genivaldo: advogados da família reclamam da demora para a conclusão do inquérito - PF afirma que é preciso de alguns laudos para concluir o caso. g1 SE e TV Sergipe, 23 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/08/23/caso-genivaldo-advogados-da-familia-reclamam-da-demora-para-a-conclusao-do-inquerito.ghtml>>. Acesso em: 10 set. 2022.

CASO Genivaldo: perícia afirma que gases tóxicos causaram colapso no pulmão de homem que morreu em abordagem da PRF: O Fantástico teve acesso, com exclusividade, aos laudos da perícia do caso Genivaldo – o homem agredido e asfixiado em uma abordagem brutal de policiais rodoviários federais, em Sergipe. Os três policiais foram indiciados. Fantástico, 9 out. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/10/09/caso-genivaldo-pericia-afirma-que-gases-toxicos-causaram-colapso-no-pulmao-de-homem-que-morreu-em-abordagem-da-prf.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2022.

CASO Genivaldo: peritos atestam que ácido sulfídrico pode ter causado convulsões. Fantástico, 2 out. 2022. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10985530/>>. Acesso em: 15 out. 2022.

CASO Genivaldo: PF indícia policiais por abuso de autoridade e homicídio qualificado - PF informou que concluiu o laudo final nesta segunda-feira (26), quatro meses após o caso. Homem morreu por asfixia e insuficiência respiratória durante abordagem de policiais rodoviários federais. g1 SE, 26 set. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/09/26/policia-federal-conclui-laudo-final-sobre-a-morte-de-genivaldo-santos-em-sergipe.ghtml>>. Acesso em: 26 set. 2022.

CASO Genivaldo: Record TV tem acesso a imagens exclusivas do dia em que ele foi asfixiado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b0DNg0OpB6g&t=478s>>. Acesso em: 4 abril. 2023.

FANTÁSTICO confirma nomes dos 3 PRFs envolvidos em ação que provocou o sufocamento de Genivaldo Santos: Eles foram afastados pela PRF e estão sendo investigados em um procedimento administrativo disciplinar. E uma investigação do Fantástico mostra que o procedimento utilizado em Sergipe pode não ser um caso isolado no Brasil. Fantástico, 29 maio 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/05/29/fantastico-confirma-nomes-dos-3-prfs-envolvidos-em-acao-que-provocou-o-sufocamento-de-geni>

valdo-santos.ghtml>. Acesso em: 5 set. 2022.

FARO, André. et al. Pesquisas em Psicologia, Saúde e Sociedade. Edição (se houver). São Paulo: Edições Concern, abril 2023. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/370104819_Pesquisas_em_Psicologia_Saude_e_Sociedade_livro_completo>. Acesso em: 21 abril 2023.

FRANÇA, Jéssica. Manifestantes protestam na BR-101, em Umbaúba (SE) pela morte de homem em abordagem da PRF: Laudo do IML apontou asfixia mecânica e insuficiência respiratória aguda como causas da morte. A PRF informou que foi aberto um procedimento disciplinar para averiguar a conduta dos policiais envolvidos. g1 SE, 26 maio 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/05/26/protesto-br-101-em-umbauba-pela-morte-de-homem-prf.ghtml>>. Acesso em: 10 set. 2022.

G1, ano 2022, 4 mai. 2022. Monitor da Violência. Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2022/05/04/numero-de-pessoas-mortas-pela-policia-cai-e-atinge-menor-patamar-em-quatro-anos-assassinatos-de-policiais-tambem-tem-queda.ghtml>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

INFORME de Análise - Policiais, democracia e direitos. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/informe-de-analise-policiais-democracia-e-direitos/>. Acesso em: 27 mar. 2023.

JORNAL O GLOBO. PASSO a passo, os minutos finais de Genivaldo, morto por asfixia em abordagem da PRF. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rP_dP8IEbo0>. Acesso em: 21 mar. 2023.

LORRAN, Tácio. Caso Genivaldo: PRF põe sigilo de 100 anos em processos contra agentes. Metrôpoles, 23 jun. 2022. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/caso-genivaldo-prf-poe-sigilo-de-100-anos-em-processos-contra-agentes>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

MÃO de obra escrava: PRF participa da libertação de 9 trabalhadores rurais em MG. Disponível em: <<https://www.gov.br/prf/pt-br/noticias/nacionais/2023/janeiro/mao-de-obra-escrava-prf-participa-da-libertacao-de-9-trabalhadores-rurais-em-mg>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

MENDONÇA, Jeniffer. Policial da PRF ensina a torturar com gás no porta-malas da viatura: ‘fica mansinha’. Ponte Jornalística, 27 maio 2022. Disponível em: <<https://ponte.org/professor-ensina-futuros-policiais-a-torturar-com-gas-no-porta-malas-da-viatura-fica-mansinha/>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

MERGULHÃO, Alfredo. “Câmara de gás” da PRF em Sergipe: Saiba as diferenças entre armas lacrimogêneas e spray de pimenta. O Globo, Rio de Janeiro, 26 maio 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2022/05/camara-de-gas-da-prf-em-sergipe-saiba-as-diferencas-entre-armas-lacrimogeneas-e-spray-de-pimenta.ghtml>>. Acesso em: 22 abril 2023.

MINISTRO diz que caso da morte de Genivaldo é “ato isolado”. Agência Brasil, Brasília, 15 junho 2022. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2022-06/ministro-diz-que-caso-da-morte-de-genivaldo-e-ato-isolado>>. Acesso em: 24 abril 2023.

MPF ajuíza ação criminal contra policiais rodoviários envolvidos na morte de Genivaldo Santos em Sergipe: No documento, o Ministério Público Federal pede que o juiz, após analisar o recebimento da denúncia, determine que o processo tramite sem sigilo. g1 SE, 10 out. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/10/10/mpf-ajuiza-acao-criminal-contr-policiais-rodoviarios-envolvidos-na-morte-de-genivaldo-santos-em-sergipe.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2022.

98 ORTEGA, Pepita; MOTTA, Rayssa. Caso Genivaldo: Procuradoria investiga sigilo de 100 anos imposto pela PRF. CNN Brasil, 26 de jun. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/morte-de-genivaldo-procuradoria-investiga-sigilo-de-100-anos-imposto-pela-prf/>>. Acesso em: 16 abril 2023.

PERÍCIA afirma que gases tóxicos causaram colapso no pulmão de Genivaldo. Fantástico, 9 de out. 2022. Disponível em: <<https://globo-play.globo.com/v/11012066/>>. Acesso em: 15 out. 2022.

PF pede prorrogação de prazo para concluir inquérito sobre morte de Genivaldo dos Santos: Homem morreu por asfixia e insuficiência respiratória durante abordagem de policiais rodoviários federais. Vídeos mostram que agentes usaram spray de pimenta e gás lacrimogêneo dentro de porta-malas de viatura com a vítima dentro. g1 SE, 21 jun. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/06/21/pf-prazo-inquerito-genivaldo.ghtml>>. Acesso em: 29 ago. 2022.

POLICIAIS rodoviários federais acusados de torturar e matar homem em Sergipe são presos: Genivaldo de Jesus Santos morreu em maio, asfixiado com gás lacrimogêneo no porta-malas do carro em que os policiais o trancaram. Os três agentes vão responder pelos crimes de

abuso de autoridade, tortura e homicídio qualificado. Jornal Nacional, 14 out. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/10/14/policiais-rodoviarios-federais-acusados-de-torturar-e-matar-homem-em-sergipe-sao-presos.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2022.

POPULAÇÃO cresce, mas número de pessoas com menos de 30 anos cai 5,4% de 2012 a 2021. Agência de Notícias, 22 set 2022. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34438-populacao-cresce-mas-numero-de-pessoas-com-menos-de-30-anos-cai-5-4-de-2012-a-2021>>. Acesso em: 23 abril 2023.

PRF muda discurso ao falar sobre abordagem que resultou na morte de Genivaldo Santos em Sergipe: Genivaldo de Jesus Santos, de 38 anos, morreu após abordagem de agentes da Polícia Rodoviária Federal. Policiais admitiram que usaram spray de pimenta e gás lacrimogêneo dentro de viatura. Vídeos mostraram ação dos agentes. g1 SE, 28 maio 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/05/28/prf-diz-que-procedimentos-de-acao-que-resultou-na-morte-de-genivaldo-santos-nao-estao-de-acordo-com-as-diretrizes-e-manuais-da-instituicao.ghtml>>. Acesso em: 5 set. 2022.

PRF volta atrás e divulga parte dos processos sobre condutas de policiais envolvidos na morte de Genivaldo Santos. g1 SE, 29 jun. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/06/29/prf-volta-atras-e-divulga-processos-sobre-condutas-de-policiais-envolvidos-na-morte-de-genivaldo-santos.ghtml>>. Acesso em: 11 mar. 2023.

PSIQUIATRA responsável pelo tratamento de esquizofrenia disse que, no momento da abordagem, Genivaldo não estava em surto: O Fantástico teve acesso, com exclusividade, aos laudos da perícia do caso do homem agredido e asfixiado em uma abordagem brutal de policiais rodoviários federais, em Sergipe. À polícia, psiquiatra afirmou que Genivaldo era uma pessoa pacífica e levava uma vida normal. Fantástico, 11 de out. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/10/11/psiquiatra-responsavel-pelo-tratamento-de-esquizofrenia-disse-que-no-momento-da-abordagem-genivaldo-nao-estava-em-surto.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2022.

RELATÓRIO do IML aponta que homem abordado pela PRF em SE morreu por asfixia mecânica e insuficiência respiratória: Imagens

mostram agressões e homem no porta-malas de viatura em meio a fumaça. A PRF disse que foi aberto um procedimento disciplinar para averiguar a conduta dos policiais envolvidos. g1 SE, 26 maio 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/05/26/relatorio-impl-homem-morto-prf-em-sergipe.ghtml>>. Acesso em: 10 set. 2022.

RODRIGUES, E. M., Larissa. Documento sugere que Torres foi à Bahia tratar de bloqueios em rodovias visando resultado das eleições. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/documento-sugere-que-torres-foi-a-bahia-tratar-de-bloqueios-em-rodovias-visitando-resultado-das-eleicoes/>>. Acesso em: 20 abril. 2023.

SADI, Andréia; MARTINS, Marco Antônio. Anderson Torres foi à Bahia pessoalmente pedir apoio da PF à PRF visando interferir no fluxo de eleitores. G1, 3 abril 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/andrea-sadi/post/2023/04/03/anderson-torres-foi-a-bahia-pessoalmente-pedir-apoio-da-pf-a-prf-visando-interferir-no-fluxo-de-eleitores.ghtml>>. Acesso em: 15 abril 2023.

100

SILVEIRA, R. A. DA; MEDEIROS, C. R. DE O. O Herói-Envergonhado: tensões e contradições no cotidiano do trabalho policial. Revista Brasileira de Segurança Pública, v. 10, n. 2, 29 set. 2016. Disponível em: <<https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/699/243>>. Acesso em: 24 abril 2023.

TV ATALAIA. PRF envia multas que somam mais de 2 mil reais referente ao dia da abordagem - Cidade Alerta. YouTube, 27 set. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=89F6UO2MWA-I&t=8s>>. Acesso em: 30 set. 2022.

UOL. Morte em viatura da PRF em Sergipe: vídeos mostram início da abordagem dos agentes a Genivaldo. YouTube, 26 maio 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MpwWOIMyiOg>>. Acesso em: 16 nov. 2022.